

PRÓLOGO



(Ao levantar-se o pano, a cena está na penumbra. Apenas uma luz tênue na música de Mozart. E em seguida uma voz)

GATO -(Pede silencio e sussurra) Wolfi.(NINGUÉM RESPONDE). Wolfi,irmãozinho. Onde estás? O jogo terminou.(SEM RESPOSTA.GATO PROCURA NA ESCURIDÃO) Se eu te agarro, Wolfi...(RUIDO DE TROPEÇÃO E QUEDA . QUEIXA SUFOCADA DE GATO.COM FÚRIA CONTIDA) Wolfi, filho de uma égua, onde estás? Estou te ouvindo engolir saliva, merda ...Deves ter as mãos cheias de um suor lascivo.(SILÊNCIO.ARQUEJA.SUBITAMENTE,UM SALTO,RUÍDOS CONFUSOS, OBJETOS QUE CAEM) Ai, Wolfi! (SILÊNCIO) Por piedade,irmãozinho. Machuquei um dedo,vou morrer.(SILÊNCIO.RAPIDAMENTE,SEM INTERRUPTÕES) Wolfi,não me deixes sozinho na escuridão,Wolfi não me deixes sozinho na escuridão, Wolfi não me deixes sózinho...na...es...cu...ri...dão...(SILÊNCIO.UIVA) Wolfi,essa música me rebenta o crânio! (ALQUEM PÁRA O DISCO.LEVE LUMINOSIDADE,QUE IRÁ AUMENTANDO GRADUALMENTE,MAS QUE JÁ PERMITE DISTINGUIR FORMAS NO CENÁRIO.TUDO ESTÁ EM DESORDEM,COMO SE ALI HOUVESSE ACONTECIDO UMA LONGA LUTA; GATO ESTÁ DE JOELHOS NO CENTRO DO PALCO.E UM INDIVIDUO DE FIGURA AGRESTE.ALTO,MUITO MAGRO,CABELOS DESPENTEADOS,SUAS ROUPAS ESTÃO SUJAS E DESALINHADAS.HÁ ALGO DE FELINO EM SEUS MOVIMENTOS. UMA TENSÃO CONSTANTE EM TODOS OS SEUS MUSCULOS.SOBRANCELHAS NEGRAS E ESPESSAS.OLHOS ESTRÁBICOS. WOLFI ESTÁ DE PÉ,ENCOSTADO.RÓI AS UNHAS E OBSERVA GATO.WOLFI É EM TODO O CONTRÁRIO DE SEU IRMÃO. RECHONCHUDO, DE TEZ ROSADA E CABELO LOURO,CORTADO MUITO CURTO. TEM A VOZ BRINCALHONA. SEUS OLHOS SÃO REDONDOS,ÚMIDOS E ASSUSTADIÇOS. RÁPIDAMENTE ,EM UM MESMO TOM DE VOZ) E preciso que isto não volte a acontecer,Wolfi,e não digo isso para te aborrecer,porque sei que tua alma é miúda,pegajosa e mesquinha,mas se existe alguma coisa que possa te deter, é o horror que causam as leis que esta cidade reserva para aqueles que transgridem suas sagradas normas, e te previno,a crueldade de nossa estirpe é brutal e de uma alegria quase obscena com aqueles que praticam ofensas no corpo de seus semelhantes, e para



- de nossa estirpe é brutal e de uma alegria quase obscura com aqueles que praticam ofensas no corpo de seus semelhantes, e para que nunca cometas a atrocidade e a estupidez de provocar a atrocidade e a estupidez dos demais, porco esquerdo, rogo-te que não voltes a lançar a escuridão sobre os meus olhos. (MAIS LENTAMENTE, CANSADO, ENTEDIADO) Porque a morte te será devolvida completamente. (SILÊNCIO) Wolfi, voltei a ter pesadelos esta noite. (SILÊNCIO)

WOLFI - (GRITA) Não quero ouvir!

GATO - (SEM ATENDER AO IRMÃO) Era aqui mesmo. Nesta mesma casa. Mas a atmosfera era diferente... A luz... No começo era alaranjada... Mas depois ficava vermelha. Cada vez mais vermelha e densa... como o sangue.

WOLFI - Amâncio, não quero te escutar! Não te escuto.

GATO - O ar era sufocante... A janela estava trancada... Havia três pessoas aqui... Éramos nós, mas não conseguíamos ver bem uns aos outros. Eu chamo Santiago, Santiago chama Wolfi, Wolfi me chama... E mesmo assim não conseguíamos nos reconhecer...

WOLFI - Te previno, Gato, que já não estou te escutando.

GATO - O ar se tornava pesado, cada vez mais pesado... Nos sufocava, nos atordoava... Nós íamos morrer asfixiados, Wolfi, juro, quando saltou o rato...

WOLFI - Silêncio!

GATO - Era um rato incrivelmente enorme e veloz... Mas saltou a tempo de uma fresta, e então compreendemos...

WOLFI - (PARA OS BASTIDORES) Santiago, ajuda-me!

GATO - Compreendemos que era ele que envenenava o ar e não nos deixava respirar... Esse rato gordo... (WOLFI SE MOVE, CEGO E NAUSEADO, PELO CENÁRIO) O rato percebeu que nós íamos matá-lo e se escondeu aí, nesse canto... (MOSTRA O LUGAR ONDE PRECISAMENTE SE ENCONTRA WOLFI. ESTE DÁ UM GRITO E CORRE PARA O LADO OPPOSTO)



- GATO ↗ Espiava-nos com seus olhinhos duros...Santiago ^{chega} ~~chega~~ ^{chega} uma cadeira e o rato foge... Wolfi corre atrás dele...
- WOLFI - Eu não, eu não, eu não!
- GATO - E o Gato lhe dá uma pancada no lombo...O rato começa a sangrar...Wolfi o morde com seus dentinhos afiados...
- WOLFI - Vou vomitar, Gato !
- GATO - ...e Santiago lhe dá uma porrada,pam, bem aqui,no meio da cabeça.Os golpes caem sobre o rato.Pam,pam,pam,pam! O sangue salpica...Pam! As paredes cobertas pelo sangue do rato. Pam! Nossos corpos ensanguentados pelo sangue do rato.Pam!
- WOLFI - Chega! Por favor,chega,não posso mais ! Chega! (SILÊNCIO , DEBILITADO,WOLFI VAI ATÉ A CAMA E SE DEITA DE BRUÇOS,APARECE SANTIAGO.PERMANECE IMÓVEL,JUNTO AOS BASTIDORES.O MENOR DOS IRMÃOS É DE UMA BELEZA ARTIFICIAL E SATÂNICA,SEUS OLHOS POSSUEM UM RELEVO ESTRANHO,COMO SE USASSE LENTES DE CONTATO DE COR AZUIS E BRILHANTES. O CABELO LOURO,ANELADO E LONGO. VESTE-SE DE FORMA EXTREMAMENTE NARCISISTA. GATO OBSERVOU WOLFI EM SILÊNCIO; POR FIM, RECUPERA-SE, VAI ATÉ ELE,SENTA-SE SOBRE A CAMA E ACARICIA SUAVEMENTE SUA CABEÇA RASPADA)
- GATO - Estás te sentindo mal,irmãozinho?(WOLFI SE LEVANTA COM UM GESTO DE RAIVA,DESCONCERTADO E FURIOSO,SE PRECAVEM DA PRESENÇA DE SANTIAGO,DAÍ ALGUNS PASSOS,REPENTINAMENTE,VOLTA-SE PARA O RECÉM-CHEGADO,JOGA-SE SOBRE ELE E LHE DÁ UMA TREMENDA SURRA,SIMULTANEAMENTE A ESSAS AÇÕES ,GATO RECITA COM VOZ NEUTRA E O OLHAR PERDIDO)
- "Quando estou deitado,penso:
Quando levantarei? E meu coração mede a noite
estou farto de devaneios até o amanhecer
Minha carne está vestida de vermes, e de placas de pó;
minha pele enrugada e abominável.
Portanto, não reprimirei minha boca;
falarei na angústia de meu espírito,
e me queixarei com toda a amargura de minha alma.
Até quando não me deixarás

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



5

GATO - e me queixarei com toda a amargura de minha alma.

Até quando não me deixarás

nem me soltarás até que eu engula a saliva?

Porque agora dormirei no pó,

e se me buscares pela manhã,

já não serei"

(LOGO QUE WOLFI TERMINA SUA AÇÃO, SE AFASTA. SANTIAGO FICA NO CHÃO, SEM ÂNIMO.

WOLFI SE DIRIGE PARA UM CANTO DO CENÁRIO, ONDE COMEÇA A MEXER VIOLENTAMENTE NOS DISCOS, ESCOLHE UM, VOLTA A SANTIAGO)

WOLFI - (GRITA HISTERICAMENTE) Para que tu aprendas a te masturbar embaixo da mesa da cozinha!

GATO - (NEUTRO, SEM OLHAR PARA SEU IRMÃO) Wolfi, não ponhas esse disco.

WOLFI - Ponho tudo que me der na telha! (VOLTA-SE PARA COLOCAR O DISCO. GATO SE LEVANTA, TRANQUILDO, VAI ATÉ WOLFI. UMA BREVE LUTA. O DISCO CAI NO CHÃO E SE QUEBRA. SILÊNCIO. WOLFI SE AJOELHA, LENTAMENTE. O concerto em si bemol maior, para fagote e orquestra! (GATO SE AFASTA)

GATO - Wolfi, o pesadelo não tinha fim. (SANTIAGO SENTA-SE NO CHÃO, LIMPA A ROUPA E APALPA AS MACHUCADURAS)

SANTIAGO - (COM VOZ ROUCA) Os pesadelos nunca têm fim. (FAZ-SE UM BREVE SILÊNCIO E LOGO WOLFI E GATO FALAM SIMULTANEAMENTE)

WOLFI - Mas era claro. Profundamente claro. Por isso tive vontade de vomitar. Fiquei com nojo de tua alma venenosa. Esse abismo sem fundo, cheio de merda, merda, merda! Tua alma imunda de parricida! Parricidaaaa!

GATO - Quem nos jogou neste cárcere? Quem nos sepultou nesta cova? Quem encheu de tensões estes corpos miseráveis, até rebentar? Quem? Alguém tem que responder! Quem? Ninguém conhece esse homem?



(SANTIAGO INTERVÉM, APAIXONADO, MAS OS OUTROS NÃO INTERROMPEM SEU JOGO)

SANTIAGO - Eu conheço esse nome, Gato! Gato, eu conheço esse nome !

GATO - (PARA WOLFI) Silêncio , puta !

WOLFI - Não, não vou me calar ! Parricida ! (GATO SE JOGA SOBRE ELE, MAS WOLFI FOGE E SALTA SOBRE A CAMA)

GATO - Porque eu digo o que vocês pensam !

SANTIAGO - Eu pensei, Gato !

SIMULTANEAMENTE

WOLFI - Mantira ! Sacrilégio !

SANTIAGO - Eu pensei, Gato! (CONTINUA SÓ) Eu pensei, quando estou só, quando vejo as mulheres passando pela rua, quando ele me acaricia os cabelos, Gato, na cozinha...

GATO - ...e faca grande...

SANTIAGO - ...cada vez que a vejo...

GATO - ...penso...

SANTIAGO - ...que poderia...

GATO - ...ser útil...

WOLFI - (DE PÉ SOBRE A CAMA) Socorro ! Parricídio !

GATO - (TOMANDO AS MÃOS DE SANTIAGO) Será uma festa, Santiaguinho ! (AMBOS SE OLHAM , CHEIOS DE ENTUSIASMO)

SANTIAGO - Uma festa linda ! (WOLFI, REPENTINAMENTE, ERGUE-SE SOBRE A CAMA, PARECE TER ENTRADO EM TRANSE)

GATO - Finalmente, donos de nós mesmos!

SANTIAGO - Só e livres !

GATO - Ah, que lindo pesadelo, Santiago!

WOLFI - Estou ouvindo... (SILÊNCIO SÚBITO, SANTIAGO E GATO TAMBÉM FICAM IMÓVEIS, COMO EM TRANSE) Estou ouvindo o ruído... (CORRIGE, RAPIDAMENTE) É Magnua. (SILÊNCIO NO GRUPO, SANTIAGO CORRE PARA A JANELA)

SANTIAGO - Magnua chegou ! Está atravessando a rua... com uma mulher! (DEPOIS DE UMA BREVE PAUSA, UMA DESORDEN TOTAL SE APODERA DOS FILHOS)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



OS FILHOS - Chegou Magnus!

Com uma mulher!

A luz!

Ele nos viu!

Apaguem a luz!

Isto está uma desordem!

Ele vai descobrir tudo!

Ajudem-me, idiotas! (ENLOUQUECIDOS? entram e saem de cena, ATÉ DEIXAR TUDO EM ORDEM. A EXCEÇÃO DA JANELA, TUDO FICA NO ESCURO POR UM INSTANTE. DURANTE ESSE BREVE INTERVALO, PODE-SE VER ATRÁS DA JANELA O ROSTO DO VELHO, QUE DESAPARECE ENQUANTO COMEÇAM A ACENDER-SE AS LUZES DO PRIMEIRO ATO)

PRIMEIRO ATO

CENA 1

(VAI-SE FAZENDO A LUZ. HÁ ALGUNS SEGUNDOS DE VAZIO E SILÊNCIO. LOGO ENTRA JULIA, LENTAMENTE, CAMINHA ATÉ FICAR NO CENTRO, OLHANDO A SALA COM SEUS GRANDES OLHOS ESCUROS. TRAZ UM CASACO DE CAMURÇA CINZA OU MARRON SOBRE OS OMBROS, UM CIGARRO MEIO CONSUMIDO NA MÃO. O CABELO LONGO, CASTANHO, CAI SOBRE O CASACO. SEU ROSTO É DURO E AGUDO. É JOVEM 18 OU 19 ANOS. SUA VOZ TEM TODOS OS MATAZES: DO TOM GRAVE, ROUCO, AO GUINCHO CRISPADO. PERMANECE IMÓVEL UNS INSTANTES NO CENTRO DA CENA; LOGO, ATRÁS DELA, GUARDANDO UMAS CHAVES NO BOLSO, ENTRA MAGNUS. SEU ASPECTO É BRUTAL. GORDO, ÀS VEZES IMPONENTE: OLHOS DE ÁGUIA, RÁPIDOS E DUROS. GROSSOS LÁBIOS ARROXEADOS. SEMICALVO, UMA PENUGEM NEGRÍSSIMA NO DORSO DAS MÃOS, QUE, CONTUDO, SÃO PEQUENAS, NERVOSAS E SENSÍVEIS. O TOM DE SUA PELE É SANGUINEO, A BARBA DEIXA UMA SOMBRA AZULADA NOS MAXILARES. ESPESSAS SOBRANCELHAS NEGRAS. AQUI, SEUS MOVIMENTOS SÃO RÁPIDOS E VULGARES.)

MAGNUS → E então? Que tal? O que achas da casa? Esquisita, não é? E esses labirintos todos para entrar... É preciso tatear com a mão. Depois tudo faz sentido. Como estás? Bem? Mas fique à vontade. Não tenha medo, querida. Estás ansiosa? Fuma todos os cigarros que quiseres.



MAGNUS - Compreendo, uma realidade nova, é difícil adaptar-se. No começo choca, mas não ficarás frustada. Vais conhecer meus filhos. São criaturas extraordinárias. Um pouquinho extravagantes, mas eu sei como mantê-los em seu lugar. Estes são meus domínios. Aqui eu sou o amo. (PAUSA) Tenho a impressão que, se te tocar, vais de desfazer. Um montinho de pó no chão. Me dá a mão. Coragem! Confiança! Vamos, essa mãozinha... (TOMA A MÃO DE JÚLIA) Assim... Agora um sorriso. Um lindo sorriso para este gordo inofensivo e mandão.

JULIA - (LENTAMENTE, A VOZ ROUCA, MORDENDO CADA PALAVRA) Não banque o palhaço (SILÊNCIO. MAGNUS SOLTA-A)

MAGNUS - (SUAVEMENTE) Não, não. Ainda não chegou o momento da tragédia. É um erro. Estás te sentindo prematuramente perseguida pelo pecado e pela culpa. (PAUSA) A primeira regra é libertar-se de todas as idéias preconcebidas. Dirigir-se branca e nua para a experiência. De acordo? (SILÊNCIO)

JULIA - Quero beber alguma coisa.

MAGNUS - Claro. Um golezinho de bebida forte? Para encendiar o sangue e a vida, hein? (CHAMA PARA OS BASTIDORES) Ratinhos! (PARA JULIA) Não te assustes. São meus filhos: um apelido carinhoso. Ratinhos! (CANTAROLANDO) (APANHA UMA GARRAFA. APARECE WOLFI) Ah, este é Gualterio. Ele mesmo se chama também de Wolfgang, por causa de Mozart. Entre nós: Wolfi. Ele é o mais carinhoso. O querido do papai. Não é, Wolfi? Uma alma sensível. Um ouvido musical invejável. Vamos, Wolfi, cumprimenta a senhorita. A partir de agora, será nossa amiga. Ela é...

JULIA - Júlia.

MAGNUS - Júlia, é verdade. Wolfi, quero que Júlia seja agora como tua mãe, entendido?

WOLFI - Sim, papai.

JULIA - (CUMPRIMENTANDO COM A PALMA DA MÃO NA ALTURA DA CADEIRA) Alô, Wolfi.

WOLFI - Como vai, senhorita Júlia?



MAGNUS - (OLHANDO-OS ENTERNECIDO) São tão ternos. Como vês, Júlia. Ela é doce e forte. (PARA OS BASTIDORES) Saia, sua besta, não te ensinei bons modos? (APARECE GATO) Este é Amâncio. Mas o chamam de Gato.

WOLFI - Papai, por favor...

MAGNUS - Vamos, vamos. Estamos em família. Vocês achavam que o papaizinho não estava ao par de tudo? Ele também sabe de outras coisas mais...

WOLFI - Por favor, pai. O que vai pensar a senhorita Júlia?

GATO - (FAZENDO-SE DE TARADO-LOUCO) 'os 'oite, 'enhorita 'ulia.

JULIA - (IGUAL A WOLFI) Alô, Amâncio.

MAGNUS - Neste, não confies demasiado: é um filho da puta, um traidor e um sujo

JULIA - Pois a mim parece encantador.

MAGNUS - Estou te dizendo isso porque sou pai dele. Mas isso sim, é inteligente. O intelectual da família. Entre todos prefiro a Wolfi. Um pouco retardado, mas por isso mesmo eu o prefiro... Af está Santiago.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

JULIA - (DESOLUMBRADA) Ah. (SILÊNCIO)

MAGNUS - (OBJETIVO) Bonito, não? Vem, Santiago. Dá a mão à senhorita, para que ela sinta o doce contato de tua pele.

JULIA - É quase um garoto.

MAGNUS - Bem, já estamos todos juntos. Hoje a família está em festa.

JULIA - (SOLTA UM GRITO - SILÊNCIO)

MAGNUS - O que aconteceu, querida?

JULIA - Nada...

MAGNUS - (SUAVEMENTE) Santiago, toca-te no cú da senhorita.

JULIA - Por favor, eu não gostaria...

MAGNUS - (DIRIGE-SE LENTAMENTE PARA SANTIAGO) Toca-te no cú da senhorita, e isso é mau Santiago.

WOLFI - Bate nele, papai!

JULIA - Por favor, para mim seria terrível que... (MAGNUS COMEÇA A EMPURRAR SANTIAGO, ANTE A EXPECTATIVA INTERESSADA E SADICA DOS DEMAIS.)



- GATO - Desta vez vai sair sangue. (MAGNUS TRAZ SANTIAGO DE JOELHOS, COM UM BRAÇO TORCIDO NAS COSTAS)
- MAGNUS - Pede perdão à senhorita. (SILÊNCIO TENSO. MAGNUS APERTA MAIS.) Pede perdão à senhorita.
- SANTIAGO - Perdão, senhorita. (SILÊNCIO)
- MAGNUS - Dê uma patada nele, Júlia.
- JULIA - Eu...
- MAGNUS - Vamos, não sejas tímida.
- DEMAIS - Bata nele, senhorita. Júlia! (JÚLIA VACILA, COM EVIDENTE SASTIFICAÇÃO E FEROCIDADE, DÁ UM [] PONTAPÉ NAS COSTA DE SANTIAGO, MAGNUS SOLTA-O E ELE SE RETORCE NO CHÃO. SILÊNCIO.)
- JULIA - (DE JOELHOS, AO LADO DE SANTIAGO, APERTA A CABEÇA DELE CONTRA SEU PEI- TO) É tão bonito
- SANTIAGO - (COM UM DÉBIL FIO DE VOZ) Água...
- JULIA - Um copo d'água, por favor.
- MAGNUS - (PARA GATO) Um copo d'água, sarnento. A senhorita está comovida. (GATO SAI CORRENDO. A CENA É EVANGÉLICA. TRANSCORRE EM SILÊNCIO ; GATO TRAZ UM COPO D'ÁGUA. JULIA DÁ DE BEBER A SANTIAGO).
- JULIA - Meu nenezinho doce. (MAGNUS BATE AS MÃOS)
- MAGNUS - Bom, é suficiente. (SANTIAGO SE APRUMA) Um incidente de família. (O ROSTO DO VELHO APARECE NA JANELA. BATE COM UMA MOEDA NO VIDRO. PARA O VELHO) Fora! (O VELHO DESAPARECE. OS FILHOS E JULIA FORMAM UM GRUPO, de onde explode uma gargalhada. MAGNUS SE VOLTA PARA ELES. ESTAS AÇÕES SÃO QUASE SIMULTÂNEAS, MUITO RÁPIDAS E SEM MOTIVAÇÃO: CORTE ONÍRICO) Júlia! (SILÊNCIO NO GRUPO)
- JULIA - (COM MAUS MODOS) O quê? (SILÊNCIO. JÚLIA AVANÇA COM RESIGNAÇÃO HIPNÓ- TICA ATÉ MAGNUS. OS FILHOS FORMAM UM GRUPO DE ESPECTADORES APERTADOS E INVEJOSOS)
- MAGNUS - (QUANDO JULIA ESTÁ DO SEU LADO, TOMA-A PELA NUCA E DIZ, SUAVEMENTE

- MAGNUS - Júlia!(PAUSA) De repente fiquei angustiada.(JULIA FAZ UM SORRISO DE COMPLACÊNCIA.SILÊNCIO.) Lá fora faz frio.
- JULIA - (RÁPIDA) Não tens porquê te preocupar.Agora me sinto bem.
- MAGNUS - Tens duas manchas vermelhas nas maçãs do rosto.
- JULIA - Sim ? Sinto calor com tanta facilidade.Além disso,teus filhos são adoráveis .
- MAGNUS - Não confies neles.(MOVIMENTO DOS FILHOS.OLHAR RÁPIDO DE MAGNUS. GESTO DE PROTESTO DE JULIA.OS FILHOS SE IMOBILIZAM.SILÊNCIO.)
 Tinhas as mãos azuladas.(SUAS MÃOS BAIXAM PELO COLO,OS OMBROS,OS BRAÇOS DE JULIA.APERTA SUAS MÃOS,BEIJA-AS CASTAMENTE.JULIA DIRIGE UM RÁPIDO ACENO AOS FILHOS,APARECE DE NOVO O ROSTO DO VELHO E OLHA PATETICAMENTE A CENA). Estavas tão pequenina,tão desamparada e frágil,lé na esquina.O vento fazia balançar a luz que ia e vinha. E minha Júlia entrava e saía da luz.Imóvel na esquina.(HÁ UMA MUDANÇA DE LUZ:MAIS AZULADA E FRIA,CONCENTRADA EM MAGNUS E JULIA.A MULHER ENTRA SUBITAMENTE NO JOGO DE MAGNUS,UMA MANCHA DE LUZ OSCILA SOBRE O CENÁRIO) Minha Júlia,tão pequenininha em baixo do foco de luz que ia e vinha,tremendo de frio.E eu no bar,olho para minha Júlia,e diante de mim há um café quente,um cigarro quente.E Júlia tremendo de frio,sozinha.Então me levanto,cruzo a rua;o vento me bate no rosto.(DO GRUPO DE FILHOS SAI UMA RISADINHA). Silêncio! (OS FILHOS COMEÇAM A MOVER-SE EM SILÊNCIO;AO FUNDO,DENTRO DE UM MARCO DE LUZ AMARELA,SULFÚRICA,O ROSTO DO VELHO.DESCULPANDO-SE PARA OS FILHOS OU PARA O PÚBLICO.) Sou um sentimental.Cada um tem sua fraqueza ,e o melhor que pode fazer é esconde-la.Para mim é difícil .A infância abandonada,um cachorro com frio... tudo me comove.(GRITA PARA OS FILHOS) E eu já sei que não acreditam em mim,idiotas! (PARA JULIA) Eu os eduquei para que não acreditem em mim; a função deles é duvidar.
- UMA VOZ - (EM FALSETE) Porco !

- MAGNUS - (SUAVE, AVISANDO) Insetos não querido. (SILÊNCIO. MAGNUS VOLTA-SE OUTRA VEZ PARA JÚLIA. ESTA FICA TENSA) Tiveste um tremor de medo. (OS FILHOS VÃO MODIFICANDO UMA PARTE DO CENÁRIO, ATÉ DAR-LHE A APARÊNCIA DE UMA BAR) Levantei-me. Cruzei a rua. Um vento negro me bateu na cara. (AFASTA-SE E, EM SEGUIDA, FAZENDO UMA CURVA, VOLTA-SE PARA JÚLIA. A MULHER ACOMPANHA ENFASTIADA SEUS MOVIMENTOS. DURANTE A "REPRESENTAÇÃO" SEGUINTE, FLUTUARÁ ENTRE A HIPNOSE DA MEMÓRIA E O TÉDIO VIGIARÁ O MOVIMENTO DOS FILHOS. TENTARÁ COMUNICAR-SE COM ELES A CADA DESCUIDO DE MAGNUS. PARA JÚLIA, "ATUALIZANDO" O JOGO). Estás perdida, filinha?
- JULIA - Não, estou pensando.
- MAGNUS - (SAI DO JOGO, ENFURECIDO) - Não, não disseste nada, idiota! Estavas pensando em silêncio!
- JULIA - (TAMBÉM SAI DO JOGO, HISTÉRICA) Não, eu não estava pensando em nada. Só estava parada nessa esquina, sem pensar em nada! Meu cérebro estava vazio! (PARA OS FILHOS) E eles, o que estão fazendo?
- MAGNUS - Estão preparando o bar, e o que te interessam? (VOZES ANÔNIMAS DOS FILHOS PROTESTANDO NA PENUMBRA: "DEIXEM-NOS TRABALHAR EM PAZ! ASSIM NÃO É POSSÍVEL", ETC.)
- JULIA - Eles não deixam eu me concentrar!
- MAGNUS - Fiquem quietos um instante. (RESMUNGOS DOS FILHOS) Silêncio. (TODOS SE CALAM) Vamos recomeçar (MESMO JOGO DE ANTES. RETROCEDE E VOLTA) Estás perdida, filinha? (SILÊNCIO DA MULHER, MAGNUS DUVIDA, EM SEGUIDA SAI DO JOGO) Estavas fumando.
- JULIA - Não estava fumando.
- MAGNUS - Estavas fumando; tenho certeza que te vi nesse momento com um cigarro na mão.
- JULIA - Eu tinha um cigarro na mão, mas não estava fumando. Os meus dedos estavam duros de frio. (OS FILHOS ESPERNEIAM E ASSOBIAM)



- MAGNUS - Não importa. (PARA OS FILHOS) Silêncio! (PARA JULIA) Esse cigarro é necessário agora.
- JULIA - Não quero fumar agora. (OS FILHOS ESPERNEIAM)
- MAGNUS - Calam a boca, cornos! (SILÊNCIO, MAGNUS TIRA UM CIGARRO E O ACENDE NOS LÁBIOS DE JULIA, QUE O ACEITA COM UM GESTO DE REPUGNÂNCIA. MESMO JOGO DE MAGNUS) Filhinha, estás perdida? (RISADAS DOS FILHOS? OLHAR FURIOSO E SILÊNCIO) Faz frio. A noite é grande e sinistra como uma máscara. Querida, poderia me dizer onde estamos?
- JULIA - Aqui ou lá. De um lado ou de outro. Não há mais de um passo separando os dois lados, nunca se sabe.
- MAGNUS - (SEUS APARTES SÃO ESPETACULARES, GROTESCOS) Outra perda. (PARA JULIA) Falta muito para terminar a noite. Es virgem? (A MULHER RI. À PARTE) É jovem como uma gota de chuva. Preciso da sua vida. Preciso que seja minha testemunha. Passarei por seu corpo com um sopro, como o vento sobre a terra. (PARA JULIA) Irmã, virias comigo?
- JULIA - Onde?
- MAGNUS - Que importa? É melhor estar aqui ou em outra parte?
- JULIA - Não. (TERMINA A REPRESENTAÇÃO. OVAÇÃO DOS FILHOS. MAGNUS DÁ UMAS VOLTAS PELO CENÁRIO, VERMELHO E COMO ESTONTEADO PELO ÊXITO)
- MAGNUS - Muito bem, Júlia; assim, assim é que se faz. Foi quase real. Eu diria até que superou a própria vida.
- JULIA (DESVANECIDA) Por favor, Magnus. Eu estava nervosíssima, e por pouco o cigarro não caiu da minha mão.
- FILHOS - Bis ! Bravo ! Bis !
- MAGNUS - (CONTENDO OS FILHOS COM UM GESTO DEMAGÓGICO) Ousarias fazer mais, Julia?
- JULIA - Eu... verdadeiramente, não sei... é um compromisso. (OS FILHOS A ESTIMULAM COM GESTOS ELOQUENTES. JULIA OLHA PARA ELES TIMIDAMENTE. MAGNUS LHE ROGA COM O OLHAR) Mas não sei... Se o público quiser...



- OS FILHOS - Sim, sim, Júlia! Vamos, Júlia! Jú-lia ! Nós te queremos, Júlia ! (TODO JUNTOS, RITMICAMENTE) We-love-Júlia. We-love-Júlia
- JULIA - Bom... (OVAÇÃO DOS FILHOS)
- MAGNUS - Assim é que eu gosto, Júlia. (PARA OS FILHOS) Agora, cuidado. Atenção daqui a pouco entram vocês. (MOVIMENTOS NERVOSOS DOS FILHOS) O lugar é o mesmo, o foco vai e vem sobre a figura pequena e atemorizada de Júlia. (A MANCHA COMEÇA A OSCILAR. MAGNUS RABENX PIGARREIA E "REPRESENTA") Aqui há um lugar quente para nos abrigar. Treme como uma folha. Tens medo?
- JULIA - (AFETADA) Não, faz frio. Além disso, estou cansada. Cansada de caminhar sozinha pelas ruas.
- MAGNUS - (VACILA UNS INSTANTES, COMO SE NÃO RECORDASSE O TEXTO) Aqui há um lugar quente para nos abrigar. (RI) Entremos. Vou pedir para ti um copo grande de leite quente. (SAI DO JOGO) Rápido, Wolfi, Amâncio ! (OS RAPAZES ADOTAM VELOZMENTE O PAPEL DE GARÇOM. MAGNUS CONTINUA REPRESENTANDO. AMBOS CAMINHAM ATÉ O "BAR". JULIA AFETADAMENTE)
- GATO - Aí vêm dois.
- WOLFI - Parecem o pai e a filha.
- GATO - Ela não é uma puta
- MAGNUS - Alto. Sentar-se. Um copo de leite para ela. Para mim, um conhaque. GATO E WOLFI SE COMPORTAM COMO DOIS GARÇONS: COLOCAM OS OBJETOS PEDIDOS-IRREAIS-SOBRE A MESA) Estás pálida, irmã.
- JULIA - Faz duas noites que não durmo. Os meus sapatos estão furados e a água entra neles.
- MAGNUS - Vou te comprar um par de sapatos e um vestido. Vou te dar minha cama.
- JULIA - Sinto saudades da minha família. Meus pais não sabem de nada. Vão morrer de desgosto.
- MAGNUS - Ninguém morre por isso, irmãzinha. Já é tarde para voltar. Porque os deixaste? Te magoaram ? Alguém te fez um filho ?

- JULIA - Não, senti tédio. Saí por aí, à toa. Queria experimentar a vida.
- MAGNUS - Está bem, irmã. Nunca é cedo demais.
- JULIA - Tomo o leite e vou embora.
- MAGNUS - Tens medo de mim ?
- JULIA - Sim .
- MAGNUS - Em minha casa, tenho três filhos. São inocentes como cordeiros. A mãe deles morreu. Poderás brincar com eles.
- JULIA - Não confio em ti.
- MAGNUS - Querida, sou um anjo.
- JULIA - Por que se veste de negro ?
- MAGNUS - Por que vou morrer.
- JULIA - Tens olhos sinistros. Lábios roxos.
- MAGNUS - Sou de boa paz.
- JULIA - Vais me degolar em algum beco ?
- MAGNUS - Meus filhos precisam de uma companheira.
- JULIA - Não gosto de crianças.
- MAGNUS - Sabes cozinhar ?
- JULIA - Não .
- MAGNUS - (DRAMATICO) Ah, eles vão morrer de fome. (A MULHER ENCOLHE OS OMBROS) Bem, tentemos de outro jeito.
- JULIA - (COLOCANDO-SE NA DEFENSIVA) Não vais me convencer.
- MAGNUS - Silêncio, fêmea.
- JULIA - Sou virgem
- MAGNUS - (DESLUMBRADO) Ah. (À PARTE) Vou passar por esta vida sem ter deflorado a última virgem ? (PARA JULIA) Pequena, estou doente.
- JULIA - A doença me dá nojo.
- MAGNUS - Sou forte como um touro.
- JULIA - Não me impressiona.
- MAGNUS - Os dentes são meus. Tenho músculos de aço. A calvície é sinal de virilidade.
- JULIA - Não me toque com os joelhos. (SILÊNCIO)



- MAGNUS - Já tomaste teu leite. (A MULHER PISCA, DESCONCERTADA) Por que não vais embora, então? (JULIA CAMINHA PARA TRÁS, OLHA-O) Bem, vou te dar uma oportunidade. (LEVANTA-SE E SAI FORA DE FOCO DE AÇO, EXIBINDO-SE. ESPERA FORA)
- GATO - E tão jovem
- WOLFI - Seria uma pena, não ?
- GATO - Ele é um sujeito asqueroso. (MAGNUS MOVE-SE AO FUNDO)
- MAGNUS - INQUIETO, A MEIA VOZ) Cuidado Gato.
- SANTIAGO - QUE BANCA O ESPECIMENADOR) Shhh.
- GATO - É gordo. Parece uma foca lasciva.
- WOLFI - Mas ela não quer salvar-se.
- GATO - Ela lhe deu uma oportunidade. Mas ela fica aí, imóvel. Vacila, quer fugir. Alguma coisa a detém.
- WOLFI - Vamos, estúpida. O que é que te detém ?
- GATO - Ela não pode fazer nada agora. Está longe, Júlia, por favor, levante-se e fuja.
- WOLFI - Fuja , Julia !
- MAGNUS - (DO FUNDO) Não vale tomar partido !
- WOLFI - (VOLTANDO-SE , FURIOSO) Exigimos liberdade de expressão.
- MAGNUS - Desde que sejam objetivos.
- WOLFI - A única possibilidade de ser objetivo é dizer o que a gente quer.
- MAGNUS - (COM UM PONTAPÉ NO CHÃO) A objetividade sou eu !
- WOLFI - Protesto !
- MAGNUS - Fora !
- WOLFI - Mas , papai...
- MAGNUS - Fora ! Santiago, tome o lugar dele!
- SANTIAGO - (LEVANTA-SE, FAZ UMA PAUSA) Fuja, Júlia !
- MAGNUS - (ADIANTA-SE, PREPOTENTE) Basta! Mai se dá um pouco de corde aos artistas e eles a utilizam contra alguém. Acabou a representação ! Júlia, tua oportunidade terminou.

- JULIA - Mas ainda não me decidi.
- MAGNUS - É suficiente. Quando voltei, estavas na mesa. O cigarro se consumia em teus dedos. Eu te disse: "Vamos, irmã". E sem reagir, te levantaste e me seguiste.
- JULIA - Eu disse que ainda não me decidi !
- MAGNUS - (FAZ UMA PAUSA) Vamos, irmã. (JULIA, SEM REAGIR SE LEVANTA, APAGA O CIGARRO COM UM PÉ E O SEGUE PARA FORA DO CENÁRIO)
- SANTIAGO - Eu disse que ela era uma coitada !
- JULFI - (VAI ATÉ ONDE DESAPARECERAM MAGNUS E JULIA, AGITANDO UM PUNHO NO AR) Quando vais deixar de corromper a juventude ? (PROCURA UM INSULTO ADEQUADO) Sócrates !
- BLACK-OUT
- (LUCIA ILUMINADA APENAS A JANELA COM O VELHO ATRÁS. NOUTRA PARTE DO CENÁRIO, ELEVA SE UMA LUMINOSIDADE TURVA. HÁ UM BIOMBO VERMELHO QUE SERVE DE MURO. JULIA E MAGNUS VÊM CAMINHANDO)
- JULIA - Fico por aqui. Estou cansada.
- MAGNUS - Foste tu quem pediu para caminharmos. A noite está fria.
- JULIA - Mas parou de ventar .
- MAGNUS - Podemos descansar aqui.
- JULIA - Morro de frio .
- MAGNUS - Caminhemos. Vamos até minha casa .
- JULIA - Não. O senhor não é muito sério. É uma aventura sem consequências .
- MAGNUS - (EM TOM GRAVE) Claro, tontinha.
- JULIA - Amanhã vou estar na minha casa. E o senhor vai ser um sonho.
- MAGNUS - Um sonho mau. (GATE NO CHÃO COM OS PÉS E ESFREGA AS MÃOS)
- JULIA - Tenho as mãos azuis .
- MAGNUS - Má circulação. (JULIA PÕE AS MÃOS SOB AS AXILAS. COM UM GESTO AMPLO) Ah, noite profunda de fantasmas impiedosos e de cães mortos.
- JULIA - Eu o segui para provar que não tinha medo.
- MAGNUS - Está bem irmã, ninguém te pede para prestar contas.
- JULIA - É preciso que [] tudo fique claro.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



MAGNUS - Está bem. (SILÊNCIO. MAGNUS CONTINUA MOVIMENTANDO-SE CONTRA O FRIO . A MULHER, ECOSTADA CONTRA O MURO) E então , irmã ?

JULIA - Tenho medo de me arrepender. (MAGNUS RI) Não ria .

MAGNUS - Por que não devo rir? Saíste de casa para provar a vida. Como se fosse uma laranja com casca. O gosto é ácido e doce. Mas é selvagem , alegre. O arrependimento é a parte ácida da laranja, a casca da vida.

JULIA - Não me convence.

MAGNUS - Bom . (CONTINUA MOVENDO-SE)

JULIA - O senhor acha que é fácil me convencer.

MAGNUS - (RI) Ta vejo pequenina e distante. Tão pequenina que parece que estavas na palma de minha mão. Mas faz frio. Vamos.

JULIA - Um momento. Quem pensa que eu sou ?

MAGNUS - Nada.

JULIA - Vamos, quem pensa que eu sou ?

MAGNUS - Nada. Por que isso te importa?

JULIA - Deve pensar alguma coisa de mim .

MAGNUS - Gostarias, hein ? (SORRI) Uma puta. Gostas ? Um anjo. Uma ovelhinha desgarrada. Uma mulher do mundo. Qualquer coisa. Que alívio! Mas não, não penso nada .

JULIA - Então, isto não tem sentido. (MAGNUS NÃO RESPONDE) Não posso ir com o senhor, se não pensa nada de mim. (SILÊNCIO) Tem que me conhecer, que saber alguma coisa.

MAGNUS - Estou ouvindo

JULIA - Como ?

MAGNUS - Disse que estou ouvindo.

JULIA - Mas tem que vir do senhor .

MAGNUS - Entendo . (SILÊNCIO)

JULIA - Estou esperando

MAGNUS - Ah, mas não posso saber agora.

JULIA - Tem que ser agora .

MAGNUS - (DEPOIS DE UM RISINHO) Para escapar de minhas mãos? Me dê um tempo . Amanhã de manhã .

- MAGNUS - Por isso, vamos. (COMEÇA A SAIR. VOLTA-SE PARA JULIA. SILÊNCIO.) Morro de frio; podes ficar. (ACENDEM-SE TODAS AS LUZES. JULIA PISCA DESCONCERTADA. OLHA AO SEU REDOR. OS FILHOS, QUE TINHAM ACOMPANHADO TODA A CENA NA PENUMBRA, TÊM UM ASPECTO INDIFFERENTE E HOSTIL)
- GATO - (PARA JULIA, SEM OLHÁ-LA) Sim, já estas aqui
- JULIA - Foi tudo tão rápido.
- WOLFI - Nós te avisamos.
- JULIA - Foi muito rápido. Eu não tive tempo .
- SANTIAGO - Mas já entraste. Agora é difícil sair.
- JULIA - (DÁ UNS PASSOS) E este lugar...
- MAGNUS - (COMO NO PRINCÍPIO) O que tem de mau ? Claro, no começo custa um pouco até a gente se adaptar. Uma realidade nova. Mas fica à vontade . Não tenhas medo. Estás ansiosa ? Fuma todos os cigarros que tenhas vontade...
- VELHO - (APARECE QUEIXOSO) Magnus, a noite está fria. Estou gelado e tenho fome. Por favor , Magnus. (A REAÇÃO DOS FILHOS É UNÂNIME)
- OS FILHOS - Não permita , Magnus !
 Ele que aguente !
 É sujo !
 Tem mau cheiro !
 Está velho !
 Pode morrer aqui, e isso é um perigo , Magnus !
- MAGNUS - Shut . up ! (SILÊNCIO) Entra , Lou (O VELHO ENTRA)
- VELHO - Obrigado, Magnus. (LENTAMENTE, ANTE O SILÊNCIO GERAL, ELE VAI DESMORONANDO COM UM SORRISO HUMILDE NOS LÁBIOS, ATÉ FICAR DE QUATRO PÉS, COMO UM CÃO. DESSE MODO, AVANÇA ATÉ MAGNUS)
- OS FILHOS - (EM SURDINA) É uma vergonha !
 Não tem dignidade !
 Perdeu o respeito por si mesmo.
 Arf-arf-grrrr !



E, DESPLAÇO, CONTEPIA JULIA)

VELHO (ARTICULANDO COM DIFICULDADE) - B-b-b-b-b-b-b

JULIA (SEM ABANDONAR SUA ATITUDE DEFENSIVA, INDIGNADA) Agora não
falar, hein?

VELHO (COM TRISTEZA) - Euh?

JULIA -- Quem está chamando, velho idiota? (O VELHO ARTICULA A MES-
MA PALAVRA, EM SILÊNCIO. NUM ACSSO DE FÚRIA) Meu nome é Ju-
lia! Entende? Ju-~~lia~~-aã (NESSE MOMENTO, ENTRA WOLFI NAS POU-
TAS DOS PÉS. CRUZA O CENÁRIO, PÕE UM DISCO RAPIDAMENTE E
DESAPARECE A TODA VELOCIDADE. QUANDO WOLFI JÁ DESAPARECEU)
Wolff, que significa isto? (UM SEGUNDO DEPOIS COMEÇA A ES-
CUTAR-SE, ATROADOR, O PRIMEIRO GOLPE DE TAMBORES DO RÉQUIEM.
JULIA ESTÁ PETRIFICADA, COM UM SAPATO NA MÃO. NO MOMENTO EM
QUE A MÚSICA EXPLODE EM SUA APOTEOSE FÚNEBRE, IRROMPE MAGNUS
EM CENA, ABOTOANDO AS CALÇAS. COM UM GRITO DE CÓLERA, CAMI-
NHA ATÉ A VITROLA E ARRANCA O DISCO)

MAGNUS --Ah, crianças! O que é que elas estavam pensando, as filhas
da puta? Pobre Júlia... Olha-na...

JULIA -- (COM OS NERVOS À FLOR DA PELE) -- MAGNUS! (MAGNUS NÃO DEIXA
DE MOVER-SE UM INSTANTE, ENTRA PELOS BASTIDORES E VAI TIBAN-
DO OS FILHOS AOS TAPAS E EMPURRÕES. ELES SE AGRUPAM TEMERO-
SOS. VESTEM PESADAS ROUPAS NEGRAS E ESTÃO SUADOS. MAGNUS ES-
TAPEA INDISCRIMINADAMENTE)

MAGNUS --Aproveitando o menor descuido, hein? F filhas da puta! A
gente não pode nem cagar em paz um minuto! A gente não po-
de se descuidar! (JULIA, SOLUÇANDO, DESCONTROLADA, PROCURA
A PROTEÇÃO DE MAGNUS. ESTE A ABRAÇA, ENQUANTO ISSO NÃO DEI-
XA DE DAR PONTAPÉS NOS FILHOS) -- Vejam em que estado ela fi-
cou! Como basta! Com os nervos arrebitados!

JULIA (APONTA O VELHO, SOLUÇANDO) -- Esse... esse... (MAGNUS PARE-
CE TER RECEBIDO UMA DESCARGA ELÉTRICA. OLHA O VELHO, PARA
LISADO, LOGO SE DIRIGE A ELE)

MAGNUS --Ele? Isto? O que foi que isto te fez? O que foi que voce
fez à senhorita?

JULIA -- (EXPLODE) -- Resnou para mim! (MAGNOS SE APROXIMA, O VELHO SE PÕE DE QUATRO PÉS, IATE E "SACODE A CAUDA", FAZENDO FESTAS AO AMO)

MAGNOS -- Não quero saber de cachorros! (BATE NELE, O VELHO PRIMEIRO GEME MAS, DE REPENTE ERGUE-SE COMO UMA SERPENTE)

VELHO -- Basta, Magnos!

MAGNOS -- (DIVERTIDO) E ele se rebela! (MAGNOS E OS FILHOS, INCLUSIVE JULIA, EXPLODEM EM RISOS, MAGNOS, SEM DEIXAR DE RIR) -- Quietos (três vezes) (VENCIDO, O VELHO VAI BAIXANDO LENTAMENTE ATÉ FICAR DE QUATRO. MAGNOS PASSA-LHE A MÃO NO LOMBO) Assim, assim. (MAGNOS SE VOLTA DEVAGAR ATÉ OS FILHOS, QUE RETROCEDEM UM PASSO) E vocês... (OLHA-OS, AMEAÇADOR, MAS LOGO RESOLVE TUDO COM UMA GARGALHADA, EM TOM DE REPRESSÃO PATERNAL) -- Não podiam esperar por mim? Queriam divertir-se sozinhos?

FILHOS -- (ALIVIADOS) -- Não íamos te contar, Magnos. Sim, íamos te contar tudo. Contado é melhor.

MAGNOS -- (PATERNAL) -- Bom, está bom. (PAUSA) Esta bem. (PAUSA, SIMULANDO UMA REPENTINA SEVERIDADE) Tirem os roupões agora mesmo. (OS FILHOS COMEÇAM A SAIR, APRESSADAMENTE. MAGNOS OS DETÉM COM UM GESTO, FAZ UMA BREVE PAUSA E, CHEIO DE SUBENTENDIDOS, DIZ) Mas deixem-nos à mão. (OS FILHOS, CHEIOS DE ENTUSIASMO E AMOR, A UMA VOZ)

FILHOS -- Viva Magnus! (SAEM CORRENDO. SILÊNCIO)

MAGNOS -- (PARA JULIA) -- Eu avisei que não devias confiar neles.

JULIA -- (INQUIETA) -- O QUE é que eles queriam, Magnus?

MAGNOS -- (EVASIVO) -- Nada... (O VELHO ESTÁ SENTADO NUM CANTO, COM ASPECTO RESENTIDO. AO VELHO, AMEAÇADOR) E quanto ao senhor... (O VELHO NÃO SE MOVE. SILÊNCIO)

VELHO -- (ÁSPERO E RESENTIDO) -- POSSO tolerar tudo, Magnus. Sabes que posso tolerar tudo. Por que então gritar comigo? Se quisesses descobrir qual o meu limite de resistência... Mas sabes que esse limite não existe. Que há sempre mais. Em --



tão, por que? Claro, um pedaço de carne velha... Agora é fácil pegar o velho Lou... Um pedaço de carne velha...

MAGNUS --(INTERROMPENDO-O, IMPACIENTE) -- Está bem, é possível que eu tenha exagerado.

JULIA -- Exagerado, Magnus? És um monstro!

MAGNUS --Silêncio, merda. (JULIA AMEDRONTADA SE ENCOLHE EM SUA CADEIRA; SILÊNCIO) Sabes que eu não gosto de pedir desculpas.

VELHO -- (SUAVEMENTE) Ninguém te pede desculpas, Magnus.

MAGNUS --Então... tudo terminado?

VELHO -- Tudo terminado, Magnus. (MAGNUS SENTE-SE VISIVELMENTE ALIVIADO; AGORA SE DIRIGE AO VELHO DE FORMA ABERTA. LEVE)

MAGNUS --Lou, querido... Não quero te fazer mal. Qualquer coisa que eu te faça, fica certo, seria sempre involuntário.

VELHO -- Isso me tranquiliza, Magnus.

MAGNUS --Lou, querido; meu fiel Lou. Tuas rugas me comovem. Há quanto tempo nos conhecemos, Lou?

VELHO -- Há séculos, Magnus.

MAGNUS --(SUSPIRO) Séculos! O tempo é tão fugaz! Como estás decrepito, Lou. O tempo te transformou num trapo.

VELHO -- Não posso negar que foi duro, Magnus.

MAGNUS --Sou um menino ao teu lado. É incrível, mas quando conhecemos Bibi, tínhamos a mesma idade.

VELHO -- (DOLOROSAMENTE) -- Para alguns, os anos passam mais rápido.

MAGNUS --(COM UM RISINHO) Vamos. O golpe de graça foi Bibi. Não podes negar.

VELHO -- Para que remexer coisas velhas, Magnus?

MAGNUS --Ainda gostas dela? (SILÊNCIO TENSO) Eu a arranquei de meio dos teus dentes, hein, Lou? No momento exato em que ia engolir, hein, Lou? Fechaste a boca e nada...

VELHO -- E eu habi um gole enorme de veneno, Magnus.

MAGNUS --(RI ALEGREMENTE) Eu, em compensação... eu a gozei inteira, Cinco anos, dez anos tive sua pele fresca à minha disposição, Lou.



(SILÊNCIO) Mas que importa. Ela não existe mais. Agora não há
sa de uma poezinha podre, em algum lugar. E eu só estou apa-
xonado pela matéria. Pelo que é. Pelo que resiste a mim, mas
posso vencer.

VELHO -- Já sei, Magnus.

MAGNUS -- Esquecido, então?

VELHO -- Esquecido.

MAGNUS -- ASSIM é que eu gosto. Como nos velhos tempos, meu bom velho Lou.

VELHO -- Como nos velhos tempos, Magnus.

MAGNUS -- Mas vamos! Ânimo! Eu te acho um pouco apagado. Festejemos!

VELHO -- O quê, Magnus?

MAGNUS -- (DUVIDA) -- Festejemos... Tudo. Isso, festejemos tudo! Um jo-
guinho, hein, Lou? O que achas? Um daqueles nossos bons e ve-
lhos joguinhos? Para trazer de volta o passado...

VELHO -- Não temos espectadores, Magnus. Precisamos de espectadores.

MAGNUS -- Espectadores? (PROCURA) Mas ela está aí.

VELHO -- Ela não quer olhar, Magnus? (JULIA LHES DÁ AS COSTAS)

MAGNUS -- (DESPEITADO) O que importa? Ela está aí, é um corpão, é suficiente
De qualquer maneira, não é sempre que se pode contar com a in-
teligência dos outros. Vamos, começamos.

VELHO -- Mas o que vamos fazer, Magnus?

MAGNUS -- (PROCURA) -- Hummm.

VELHO -- (SUGERE) O da praça?

MAGNUS -- (ENTUSIASMADO) Isso. Sim, vamos! O da praça! Duas cadeiras... As
árvores. Hum, isso não importa... (COMO DUAS CRIANÇAS, ENTUSIAS-
MADAS E AGITADAS, PREPARAM A CENA. ARRUMAM DUAS CADEIRAS NO CEN-
TRO DO PALCO. O VELHO SENTA-SE NO MEIO DELAS) Pronto, Lou?

VELHO -- (PREPARA-SE) Pronto... (MAGNUS SAI. VOLTA LOGO DEPOIS, JÁ EM
SEU PAPEL. TRAZ UMA PASTA NEGRA)

MAGNUS -- Pela manhã, era jovem. Saltava as peças d'água com desenvoltura.
Agora, o frio se levanta. Uma lua branca se esconde no céu
também branco. Silêncio, há alguém aqui.

VELHO -- Por mim, não se incomode. Pode sentar



246

MAGNUS -Se o senhor se mover para a direita ou a esquerda, Eu poderia ficar no assento livre.

VELHO - Mais respeito, jovem.

MAGNUS -Se não se mover, morde-lhe uma orelha. (O VELHO MOVE-SE SEM OLHA-LO) Linda tarde, não? (O VELHO NÃO RESPONDE) Estou incomodando? (O VELHO NÃO RESPONDE) Então, vou embora.

VELHO - Bem, mas com a condição de que não me falte o respeito...

MAGNUS -Em absoluto.

VELHO - Tem um cigarro?

MAGNUS -(PROCURA) - Devo ter um ainda.

VELHO - Não se incomode, posso ficar sem fumar.

MAGNUS -Aqui. (O VELHO GUARDA O CIGARRO)

VELHO - Fumar é um vício.

MAGNUS -Fumo pouco.

VELHO - Conto a minha vida?

MAGNUS -Primeiro vamos terminar o cigarro.

VELHO - O senhor vende o quê?

MAGNUS -Como é que sabe? (O VELHO SORRI COM SAGACIDADE) Vendo tudo o que me compram.

VELHO - Nasci nos comços do século passado, no inverno, depois de uma longa e acidentada gestação embrionária. Minha ontogênese resumiu minha filogênese, mais ou menos como acontece com todo mundo.

MAGNUS -Hoje foi um dia estúpido.

VELHO - (CONTINUA DECLAMANDO MECANICAMENTE) -Minha infância foi trágica e afortunada, mas já aos cinco anos dava provas do meu gênio.

MAGNUS -Quero dizer que não vendi nada.

VELHO - Não obstante, pude desenvolver-me como qualquer dos filhos dos vizinhos.

MAGNUS -Nossa sociedade está em crise.

VELHO - Já avô, decidi contrair núpcias. Meu matrimônio foi trágico e afortunado.



MAGNUS - Outro cigarro?

VELHO - Obrigado. Não fumo.

MAGNUS - Hoje aconteceu uma coisa estranha. (O VELHO CONCORDA COM UM GESTO GRAVE DE CABEÇA) Justamente, não pude vender nada. (O VELHO TORNA A CONCORDAR) Alguma coisa se rompeu. Um fio imperceptível.

VELHO - Não tem um cigarro? (MAGNUS LHE DÁ UM. O VELHO O GUARDA) Fumar é um vício.

MAGNUS - Quantos anos o senhor tem?

VELHO - Mais respeito, jovem!

MAGNUS - Deve ter vivido muito.

VELHO - Nasci nos começos do... (VACILA) Às vezes perco a memória. (SORRI) Mas é agradável. Não lembrar nada, não conhecer nada, não ver nada. (RISINHO) A vingança é doce. Aqui não têm, não os conheço, não os vejo. Como sabem que existem?

MAGNUS - Como soube que eu era um vendedor?

VELHO - Bom, eu vou dizer. (FAZ UM GESTO DE IMPORTÂNCIA; PREPARA-SE) Escuta.

MAGNUS - Estou escutando. (ENTRAM OS FILHOS, SEM OS ROUPÕES; AO VER MAGNUS E O VELHO "REPRESENTANDO", PEDEM-SE SILÊNCIO MUTUAMENTE, SE COLOCAM NOS DEGRAUS E OBSERVAM COM ATENÇÃO)

VELHO - Há dois dias, veio alguém, esta mesma hora. Sentou-se neste mesmo banco. (MOSTRA) Falou com a mesma pessoa. Era um vendedor. (OLHA SIGNIFICATIVAMENTE PARA MAGNUS) Compreende?

MAGNUS - Não.

VELHO - Então veio outra pessoa. A hora era a mesma. O banco era o mesmo. (MOSTRA) Falou com a mesma pessoa. Era um vendedor. Entende, agora?

MAGNUS - Não.

VELHO - Sempre acontece!

MAGNUS - Sempre não...

VELHO - (DESESPERADO) Sempre, sempre!

MAGNUS - Então e antes de então.

MAGNUS --Ontem e antes de ontem.

VELHO -- O senhor não me entende!

MAGNUS --Entendo muito bem.

VELHO -- Mais respeito, jovem! Minha experiência diz que acontece sempre. É uma evidência in-dis-cu-tí-vel. Cigarros!

MAGNUS --É O ÚLTIMO. (TIRA O PACOTE VAZIO. O VELHO APANHA O CIGARRO. GUARDA. OLHA MAGNUS COM REPUGNÂNCIA)

VELHO -- Bem se tem algo para me dizer, fale. (O VELHO OLHA AS UNHAS)

MAGNUS --Esta semana aconteceu uma coisa estranha. (O VELHO COMEÇA A CANTAROLAR BAIXINHO) Levantei cedo, como sempre. Fiz a barba, escovei os dentes, fiz minhas necessidades com toda a regularidade. Saí de casa fresco, alegre, jovem. Saltava as poças d'água com desenvoltura. Parto do meio dia, o sol estava alto. Eu suava na mão direita. Abria e fechava a mão direita. Estava agitado, nervoso. Alguma coisa me faltava na mão direita. Preste bem atenção. (EM RESPOSTA, O VELHO AUMENTA O VOLUME DE SEU CANTAROLAR) Eu tinha esquecido a pasta negra. Uma coisa inexplicável. Somos inseparáveis. É algo que me define no mundo, me dá um lugar na sociedade. Eu a carregava durante trinta anos comigo, e uma bela manhã, esqueço. É estranho.

VELHO -- Ontem estava mais divertido. (MAGNUS NÃO RESPONDE) Me fazia rir. (OUVE-SE O CANTO DE UM GALO. REALIZAÇÃO ONOMATOPÉICA DE UM DOS FILHOS)

MAGNUS --(LENTAMENTE) -- Eu não estive aqui ontem.

VELHO -- Vamos, quer aproveitar-se de um pobre velho? (CANTO DE GALO)

MAGNUS --Ontem não estive aqui.

VELHO -- E antes de ontem. (CANTO DE GALO)

MAGNUS --Está enganado.

VELHO -- Mais respeito, jovem. Quer dizer que estou enganado?

MAGNUS --Sim.

VELHO -- (OLHA-O, DESCONCERTADO) Então, como soube que era um vendedor?

MAGNUS --Não sei.



VELHO - Ele me falou de sua mulher. (MAGNUS NÃO RESPONDE. O VELHO COM FIDENCIA) Peitinhos de pombo. Lábios de veludo. Vamos não se lembra?

MAGNUS -Acabo de matar minha mulher.

VELHO - (BATE NA PALMA DA MÃO COM O PUNHO FECHADO) -- Eu sabia que era um assassino! Cigarão! (O VENDEDOR JOGA O MAÇO AMASSADO NO CHÃO) Oh! (REFORMULA) Escuta não está enrolado com a polícia, não?

MAGNUS -Absolutamente. Foi uma coisa limpa.

VELHO -- (PENSATIVO) Sempre tive vontade de matar minha mulher. A vontade... (SÚBITO, VEEMENTE) Conte.

MAGNUS --O quê?

VELHO -- Como fez isso? Conte-me.

MAGNUS -Ah... Foi fácil. Me dê a mão. Peguei sua mão. Olhe para mim. Olhe nos olhos dela. Apertei seu pulso suavemente... Suavemente... Até que deixou de pulsar. (SILÊNCIO)

VELHO -- (TEM UM CALAFRIO, LEVANTA DE UM SALTO, UIVANDO) -- Filho da puta! (O VELHO ESFREGA AS MÃOS)

MAGNUS -Mas não...

VELHO -- (ESFREGANDO AS MÃOS) Assassino!

MAGNUS -Se não calar a boca, torço seu pescoço, arranco sua língua, fuço suas tripas. (O VELHO CALA-SE. COM UM SORRISO PROFISSIONAL) Agora sente-se. (SUEMISSAMENTE, O VELHO SENTA-SE) Como ousa pensar que com esse sorriso poderia matar alguém? Nem uma mosca que vôe...

VELHO - Estou envergonhado.

MAGNUS -Amigo, amigo.

VELHO -- É que o senhor não compreende. A tensão nervosa... O stress da vida moderna. Sou muito infeliz. Minha vida é um inferno. Meus filhos me odeiam... Meus netos me torturam... Atrapalho em casa... Incomodo... Não gostam de mim... Por que me fazem sopa de cabelos de anjo? (SORVENDO AS NARINAS) Pois se eu odeio a



sopa de cabalo de anjo... Não posso ver os programas que gosto na TV... E até o meu coelho branco... Meu coelhinho branco de orelhas caídas... A última recordação da minha infância... A única coisa que me prendia à vida...

MAGNUS -Estou inquieto. Escureça. Devo ir embora.

VELHO - (DESPÓTICO) Não!

MAGNUS -Estou inquieto. Não escuto barulho algum. Esse silêncio.

VELHO - Vamos brincar um pouco mais.

MAGNUS -É impossível. O senhor é muito orgulhoso.

VELHO - Vamos fingir que o senhor me vende alguma coisa.

MAGNUS -O senhor não tem poder aquisitivo, pertence aos setores passivos da sociedade.

VELHO - (COM RAIVA) -Nada. Vamos, anime-se. É um jogo.

MAGNUS -O que quer comprar.

VELHO - Não, o senhor oferece. Eu sou o cliente. (FAZ POSE)

MAGNUS - (mecanicamente) - Se o senhor não sabe o que precisa, eu posso dizer. E mais, sou a única pessoa capacitada para saber o que precisa. É o que eu ofereço. Depois de uma análise absolutamente objetiva da sua vida, desejos, aspirações, meio social, natural e espiritual. E depois de intermináveis investigações científicas; depois de séculos de suor e lágrimas, de fome, revoluções, guerras, toda a técnica moderna realizou uma suprema concentração de forças para oferecer ao senhor a essência de seus próprios sonhos e projetos, o paroxismo de quarenta séculos de cultura: o barbedor elétrico.

VELHO - (ÁSPERO E CORTANTE) - Não, não quero nada.

MAGNUS - (OLHA-O COM ÓDIO) - Mas, vamos, está ao alcance de sua mão. O senhor precisa.

VELHO - (DESCONTROLADO E HISTÉRICO) Não quero nada, não quero nada! Não me incomode! Vá embora!

MAGNUS - (ABRINDO A PASTA, FURIOSO) Olhe isto, velho idiota. (O VELHO LUTA COM ELE, PARA IMPEDI-LO)

VELHO - Não, não e não! Socorro! (MAGNUS SE DETÉM. ESTÁ AGITADO, SECA O SUOR DA FRONTE. SILÊNCIO)



MAGNUS --Já chega. Acabou.

VELHO -- Insista, sempre posso comprar alguma coisa.

MAGNUS --Impossível. Não posso perder meu tempo.

VELHO -- Fracassado!

MAGNUS --Au revoir, senhor.

VELHO -- Espere! (MAGNUS DESAPARECE; O VELHO SUSPIRA. VOLTA A SENTAR SE NA METADE DAS CADEIRAS) Se tivesse insistido um pouco mais. (O VELHO SE LEVANTA, DANDO POR TERMINADA A REPRESENTAÇÃO. OS FILHOS APLAUDEM)

FILHOS --(AFETADOS. BRINCALHÕES)

Ah, muito bem...
Isso é teatro... ao natural.
Um jogo brilhante.
Sutil
Uma verdadeira jóia.

JULIA -- (VENENOSA) -- Eu não entendi nada.

FILHOS --Não se trata de entender.

O significado não importa, entendes?
Não é preciso entender, é preciso viver.
Tu te fazes de surda

WOLFI -- Aí vem o gênio.

FILHOS --Vivat! (MAS MAGNUS VOLTOU COM OSTENSIVO MÁU-HUMOR. DÁ UM POX TAPÉ VIOLENTO NUMA DAS CADEIRAS)

MAGNUS --Vocês acham que sou algum retardado? (SILÊNCIO ELOQUENTE DOS FILHOS) Pergunto se sou um retardado. (TERRÍVEL OLHADA PARA CADA UM DOS FILHOS, QUANDO ALGUM DELES SE SENTE FORA DE FOCO, ASSENTE COM UM GESTO GRAVE DE CABEÇA. EM CASO CONTRÁRIO, ADOTA UMA EXPRESSÃO MELANCÓLICA E AUSENTE) Querias dar uma de vivo, hein, Lou?

VELHO -- (COM UM FIO DE VOZ) -- Não entendo, Magnus.

MAGNUS --(ARREMEDANDO-O) --Não entendo, Magnus. (PARA OS FILHOS, COM AS MÃOS NA CINTURA) O que me dizem? Não entende. (OS FILHOS NÃO SA BEM BEM COMO REAGIR, MAS CERTAMENTE SE PÕEM AO LADO DE MAGNUS)



FILHOS - Está se fazendo de idiota!
 Ha... ha... ha...!
 Não entendi!
 Embora seja muito fácil de compreender.
 Pobre homem!

MAGNUS --(PARA LOU) --Até elles se deram conta!

FILHOS --(QUE NA VERDADE NÃO SABEM DO QUE SE TRATA)
 Claro que sim!
 Foi uma experiencia horrivel!
 Ainda estou tremendo!

MAGNUS --(DEPOIS DE UM BREVE SILÊNCIO) -- Tu me acusaste publicamente.

FILHOS --(TAPAM OS OLHOS COM HORROR) -- Oh!
 Lou.

VELHO -- Em tu... Acusado?

MAGNUS --Diante dos meus filhos, sem nenhum pudor. Utilizaste um simples jogo para semear a discórdia. Me caluniaste.

FILHOS --Que vergonha!
 é indigno!

Nós te avisamos que ele não era trago limpo, Magnus.

MAGNUS --Deixaste escapar vilmente que eu era um homicida. Que eu tinha assassinado Bibi! (DESTA VEZ OS FILHOS FICAM EM SILÊNCIO, CHOCADOS, MAGNUS OS ADVERTE E OLHA-OS FIXAMENTE. ANTE ESSA PRESSÃO, OS FILHOS COMEÇAM A REAGIR, MAS SEM MUITO ENTUSIASMO)

FILHOS --É... uma calúnia.
 Que coisa, Magnus!
 Não se pode conflar em ninguém.

MAGNUS --(DE NOVO PARA LOU) -- Tens algo a dizer, Lou?

VELHO -- (ATERRORIZADO) É um... mal entendido, Magnus. Que eu lembre... o jogo sempre foi assim.

MAGNUS --(AVANÇA PARA LOU E AGARRA-O PELO PESCOÇO) --Réptil astuto!

FILHOS --(SANGUINÁRIOS) -- Força, Magnus!
 Com tudo!
 Arrastá-lo!
 Como um verme, Magnus!
 Sem nojo!
 Arrastá-lo com ele.



MAGNUS (Apertando o pescoço de Lou) - Te deixei continuar para ver até onde chegava teu cinismo, rato! (De repente o solta. Lou cai como um trapo. Magnus se afasta.) Poderia estrangular-te!

FILHOS (Como um eco distorcido) - Ele poderia estrangular-te Lou!

MAGNUS - Mas ele me dá nojo! (Os filhos fazem vários gestos de nojo). Tua carne frouxa, teus músculos seriam como telazinhas de aranha entre meus dedos!

FILHOS - É melhor que não te metas com ele, Lou.
Olha que ele vai te bater.
Não fale besteira.

MAGNUS - Sei de onde vem teu ódio, Lou. (Durante a cena seguinte, os movimentos de Magnus se tornam felinos, espreitadores) Competimos por Bibi, e eu ganhei! Competimos nos negócios, e eu ganhei! Porque eu fui o melhor, o mais esperto e rápido! Anos atrás lutamos braço a braço, espreitando-nos como tigres na selva! Éramos jovens e fortes. Estávamos em igualdade de condições! E ganhei! Não somente contra você, Lou, não, contra todo mundo! Lutei com tre todos! E ganhei! (Escuridão repentina. Simultaneamente, outro setor do cenário se ilumina. Magnus chega até ele, "atualiza" o jogo) Não posso perder um dia precioso, caralho. O tempo acaba rapidamente. (Pode escutar-se um tic-tac anônimo) Agora ou nunca. Time is money. Analisemos friamente os fatos. Não sou nenhum débil. Tenho força, aprumo. Um tipo exemplar, em suma. Individualista, burguês, aventureiro. Livre empresa! Gosto da luta. Cara a cara. Na espreita. Aqui eu, aí o cliente. Sobre os dois, a Balança da Justiça, o Código de Comércio, a Ordem Estabelecida. (Solta uma gargalhada) Cago montes para tudo! (Senta-se nas grades. Passa Gato, gritando manchetes de jornal)

GATO - Jornais! Jornais! Jornais! Quebra em Wall Street! O mundo se desequilibra!

MAGNUS - Me agarraram. O tempo, as regras do jogo. Me encontraram onde ninguém me procurava. Com um pontapé no rabo me mandaram para o lugar da luta. "Anda, vai ganhar o pão de cada dia!" O suor na testa, os calos na mão... Mas sempre tive o olhar mais amplo, aponteí no branco, atirei. Procurei à minha volta o mais fraco para começar. Depois, foi o galope. (Sonha um pouco. De repente

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

volta a si) Provar forças. Unhas lixadas, sorriso profissional. Que susto. A vida se agita dentro de mim. (Simula bater numa porta. Ninguém responde. Magnus volta-se para os espectadores.)

O vazio. Nunca abras essa porta. (Bate noutra porta. Como resposta, ilumina-se uma parte do cenário com um amarelo sulfúrico. Neg se lugar encontra-se Santiago, imóvel, sacudindo no ar um maço de bilhetes, formado ostensivamente por recortes de jornal. Wolfi avança para o proscênio e anuncia)

WOLFI - Agora nossos atores mostrarão para vocês como ganhar o pão honestamente na sociedade capitalista. (Volta-se e coloca um disco: música de circo. Magnus e Santiago começam um espetáculo de pantomima. Uma luta sem tréguas, cujo prêmio consiste no maço de recortes de jornal. A um canto do cenário, Gato começa a ler um grosso livro. Pode usar um megafone).

GATO - (Côm voz igual e monótona) - "Capítulo IV. Da Compra e Venda. Artigo 450. A compra e venda é um contrato pelo qual uma pessoa, seja ou não proprietária ou possuidora da coisa ou objeto da convenção, se obriga a entregá-lo, ou a fazê-la adquirir em propriedade de outra pessoa, que se obriga, por sua parte, a pagar o preço combinado. Art. 453. A compra e venda de coisas alheias é válida. O vendedor está obrigado na sua entrega, ou em seu defeito, a abonar danos e prejuízos, sempre que o comprador ignorar que a coisa é alheia. Se o comprador, ao celebrar o contrato, sabe que a coisa é alheia, a compra e venda será nula. A promessa de venda de coisa alheia será válida. O vendedor estará obrigado a adquirí-la e entregá-la ao comprador sob pena de perdas e danos". (A SANGRENTA E TENAZ LUTA ENTRE SANTIAGO E MAGNUS CHEGA AO SEU FIM QUANDO ESTE ÚLTIMO CONSEGUE DERRUBAR O FILHO COM UMA ARMADILHA. MAGNUS PÕE SEU PÉ SOBRE O PEITO DE SANTIAGO E LHE TOMA O MAÇO DE BILHETES. LOGO, ADIANTA-SE SUADO E ARQUEJANTE. VAI SUMINDO A MÚSICA DE CIRCO)

MAGNUS - Máquinas... Lou. Um planeta coberto de máquinas. Prossegue-se até onde se pode, o limite de resistência de cada material. Se alguém cai do teu lado, que importa! É preciso continuar. (PAUSA) Bibi tenta me acor. A terra está quente, ela diz. (OS FILHOS O CERCAM, AARRASTANDO-SE, PROCURANDO TRAZÊ-LO DE VOLTA À TERRA)

FILHOS - (DISFARÇADAMENTE)
A terra está quente, Magnus.
Sim, quente.

Morna.
 Quente.
 É hora de descansar.

Por que não?

Morna.
 Quente.

Descansar, descansar, descansar. (MAGNUS FAZ ESFORÇOS SOBRE-HUMANOS PARA MANTER-SE EM PÉ. PAULATINAMENTE, SE ACENDEM AS LUZES. SILÊNCIO. OS FILHOS ESTÃO ESPARRAMADOS PELO CHÃO, INDIFERENTES.)

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

MAGNUS - Entendes agora, Lou? Tive que exterminar Bibi. Ela me diminuiu...
 ía. O que teria restado de mim? Jogavam-se como feras... Todos...
 Terias me devorado, Lou. (COMO RESPOSTA, O VELHO ASSENTE DE MODO GRAVE COM A CABEÇA. OS FILHOS COMEÇAM A REMEXER-SE, INQUIETOS. RONCAM? GEMEM? CHAMAM SUAVEMENTE, etc.)

FILHOS - Psss, Magnus. É a nossa vez.

MAGNUS - (SEM OLHÁ-LOS, CANSADOS) - Sim, já sei. Podem começar. Põe o Réquiem, Wolfi.

FILHOS - Viva Magnus! (WOLFI PÕE RAPIDAMENTE UM DISCO E SAI AOS EMPURRÕES, JUNTO COM OS OUTROS)

MAGNUS - Não te assustes, Júlia. (COM UM GESTO DE JUSTIFICAÇÃO) O que queres? Não posso negar... (PRIMEIRAS NOTAS DO RÉQUIEM. APARECE O GATO, SOLENE, e ANUNCIA, SINCRONIZADO COM A MÚSICA)

GATO - Funerals pela nossa mãe perdida! (ADIANTA-SE PAUSADAMENTE. ATRÁS DELE, EM CORTEJO, ENTRAM Wolfi COM UMA URNA EM UMA DAS MÃOS E SANTIAGO, COM UMA VELA ACESA. A RESOLUÇÃO DESSA CENA DEVE SER PROFUNDAMENTE GROTESCA - AS VOZES DOS FILHOS SE DEFORMAM ATÉ O GRASNIDO. OS CORPOS PERDEM TODA PROPORÇÃO. UMA PEQUENA CORTE DOS MILAGRES) Colocaram-na em uma pequena urna de plástico.

SANTIAGO - Tão pequena quanto um torrão de açúcar.

WOLFI - Colocaram suas cinzas.

GATO - Pequena como o buraco de um queijo.

WOLFI - Colocaram suas cinzas.

GATO - Ainda quentes.

WOLFI - Como pão recém saído do forno.

GATO - No chão. (WOLFI COLOCA NO CHÃO A PEQUENA URNA)

SANTIAGO - Nossa mãe bendita.

WOLFI - Bendita seja nossa mãe.

GATO - Assim na terra como no céu.

SANTIAGO - Uma fumacinha se desprendia dela.

WOLFI - Chamaram-na de Psyché.

GATO - Chamaram-na de alma.

SANTIAGO : E essa fumacinha ascendeu ao pálido céu.

WOLFI - Elevou-se.

GATO - Até a Via Lactém.

SANTIAGO - Esfriaram suas cinzas.

WOLFI - Deixaram de brilhar e esfriaram.

GATO - E Psyché voltou a morrer sobre a terra. (ABAIXA-SE E RECOLHE A URNA)

SANTIAGO - Enquanto seus filhos a chamavam.

WOLFI - Alma!

SANTIAGO - Onde estás, alma? (COMEÇAM A SAIR? ENCABEÇADOS POR GATO , ENQUANTO WOLFI E SANTIAGO CONTINUAM CHAMANDO) Alma!

WOLFI - Alma!

SANTIAGO - Alma! (COMPUNGIDO, MAGNUS SEGUE O CORTEJO. Atrás: VAI O VELHO LOU, DE QUATRO PÉS, SUBLINHANDO CADA CHAMADA COM UM UIVO LASTIMOSO. UM BREVE SILÊNCIO)

JULIA - Mas isto é um manicômio! (COMEÇA A PROCURAR SUAS COISAS, NERVOSA, PÕE A BOLSA SOBRE OS OMBROS, RECOLHE SUA CARTEIRA E PROCURA A SAÍDA) E daqui, como se sai? (CHAMA, COM TOM CONTROLADO) Wolfi! Santiago! Quere sair! Será que vocês podem me mostrar a saída, por favor? (CHAMA) Wolfi! (APARECEM OS FILHOS, COM ASPECTO DE ATORES QUE TERMINARAM SUA REPRESENTAÇÃO. DISPERSAM-SE PELO CENÁRIO. AINDA USAM OS ROUPÕES, LEVANTAM-SE DE UMA MANEIRA RIDÍCULA PARA CAMINHAR)

SANTIAGO - (INDIFERENTE) - Não te irrites, Júlia.

GATO - (IDEM) - Nós te avisamos que era difícil sair.

JULIA - (TRANQUILA) - Não me importa querido. Se tenho vontade de ir embora, eu vou. Sou livre.

WOLFI - (IGUAL A SEUS IRMÃOS) - Certamente, Júlia.

GATO - Não tens um cigarro, Wolfi?

WOLFI - Eu não, acho que Santiago tem.

SANTIAGO - Também não. (DIRIGE-SE FRIAMENTE A JÚLIA) - Ela tem. (JÚLIA APROXIMOU-SE, SENTA-SE JUNTO AOS FILHOS, DÁ UM CIGARRO PARA GATO, OFERECE AOS OUTROS, QUE RECUSAM)

JÚLIA - Acho que vocês não me entenderam, queridos. Estou um pouquinho cansada, e amanhã tenho o que fazer. A reunião estava ótima, mas já é hora de ir embora.

SANTIAGO -- O que achaste da representação, Gato?

GATO -- A semana passada foi melhor. (PARA JULIA) Fogo! (JULIA LHE DÁ O FOGO) O negócio é criar sempre algo novo. WOLFI, por exemplo, estiveste um pouco estereotipado. (A CARA DE MAGNUS SURGE NOS BASTIDORES, FAZ UM GESTO E DESAPARECE)

WOLFI -- (NA DEFENSIVA) Por que não pergunta a ela?

SANTIAGO -- Ela não estava na semana passada, WOLFI?

GATO -- (PARA JULIA) O que achaste, Bibi?

JULIA -- Muito lindo, mas agora tenho que... (DE REPENTE, CONTROLA-SE. PAUSA) Como me chamaste? (SILÊNCIO. UM POUCO HISTÉRICA.) Te perguntei como me chamaste?

GATO -- Que importância tem?

JULIA -- Meu nome é Júlia! Jú-ll-ia!

GATO -- Está bem, Jú-ll-ia. Foi uma piada. (JULIA SE ACALMA)

JULIA -- NINGUÉM gosta de perder sua identidade.

WOLFI -- Certamente que não. (SILÊNCIO. O ROSTO DO VELHO APARECE NOS BASTIDORES, FAZ UM GESTO E DESAPARECE)

GATO -- Tenho uma coisa para te mostrar, Júlia. (OS OUTROS DOIS FICAM TENSOS)

WOLFI -- Não faça isso, Gato. (SILÊNCIO)

GATO -- (SUAVEMENTE) Por que não, WOLFI?

WOLFI -- (IDEM) Porque vamos sofrer muito, Gato.

GATO -- Como nós sofremos, WOLFI. Ela vai entender muito bem. (REFOCEDE UM POUCO)

WOLFI -- Por favor, Gato, não. (TAPA OS OLHOS)

GATO -- Não tenhas medo, WOLFI. E não tapes os olhos. De qualquer modo, estamos cegos. (GATO DÁ VOLTA, BRUSCAMENTE, AMASSA O CIGARRO NO CHÃO, LEVANTA O ROUPÃO, TIRA ALGO COM GESTOS MISTERIOSOS E VOLTA COM O OBJETO APERTADO CONTRA O PEITO; ESTENDE PARA JULIA



UM VELHÍSSIMO RETRATO) É BÍBI, nessa mãe... (JULIA OBSERVA O RETRATO POR LONGO TEMPO. MAGNUS PASSA POR FORA NA PONTA DOS PÉS)

JULIA -- (SUAVEMENTE) É bonita.

GATO -- Não é certo que sim?

JULIA -- Não é certo que é parecida comigo?

GATO -- Não é certo que sim?

JULIA -- O cabelo, não?

GATO -- (ACARICIA O CABELO DE JULIA) Tão magro, não? E tão quente. (APROXIMA LENTAMENTE O NARIZ DO CABELO DE JULIA E ASPIRA PROFUNDAMENTE) E tem cheiro de... De noite quente... De chuva... De vento... (OS OUTROS SENTAM-SE QUIETOS, COMEÇAM A MOVIMENTAR-SE ÀS CEGAS PELO CENÁRIO)

WOLFI -- (ENTRECORTADO) Hí-hí.

SANTIAGO -- Ela se perde... Na noite... Na dedeira para trás, procurando seu retrato que se distancia... Como eles levantando o fôlego para a ar...

GATO -- (RESVALA JUNTO AO CORPO DE JULIA) Seus joelhos... abertos... Calor.

SANTIAGO -- Sensíveis, nesta terra devastada... (JULIA TEM OS JOELHOS MUITO ABERTOS, SEU ASPECTO É DE UM ÍDOLO, UM TÓTEM PRIMITIVO, DEDICADO AO CULTO DA FERTILIDADE. GATO TEM A CABEÇA METIDA ENTRE OS JOELHOS DELA. JULIA LHE ACARICIA SUAVEMENTE OS CABELOS. OS OUTROS, NO ENTANTO, NÁVEGAM NA CENA, TRAÇANDO ESTRANHAS FIGURAS E DIZENDO PALAVRAS INAUDÍVEIS. UMA ESPÉCIE DE MURMÚRIO GERAL, DO QUAL REPENTINAMENTE SURGE UM GEMIDO. É WOLFI, QUE CORRE PARA O PROSCENIO, FUGINDO DE ALGO)

WOLFI -- Gato! (O TERROR O IMPEDE DE FALAR) Faca! (REALMENTE, SANTIAGO, NO FUNDO, ESGRIME UMA FACA. JULIA CRITA E SE UNE A WOLFI. GATO, KEXX FELIZ, VAI AO ENCONTRO DE SANTIAGO)

GATO -- Ah, mas o que vêem meus olhos!

SANTIAGO -- (ORGULHOSO) -- Bonita, não é, Gato?



GATO - (ADMIRANDO A FACA, JUNTO A SANTIAGO) Fabulosa. (PASSA O DEDO PELO FIO) E que fio!

SANTIAGO - Uma navalha, Gato. (PASSA-LHE A FACA)

GATO - (FAZENDO FINTA) - O cabo é forte.

SANTIAGO - Especial para trincar porcos, Gato. (GATO E SANTIAGO RIEM)

WOLFI - Párem!

GATO - Muito especial, Santiago.

SANTIAGO - Alguém pode tropeçar, e ... (Finge que tropeça e enterra a FACA NO VENTRE)

GATO - (RI, JUNTO COM SEU IRMÃO) - Bárbaro! Alguém tropeça e ... (FAZ O MESMO QUE SANTIAGO. AMBOS RIEM)

WOLFI - Vamos morrer de fome! Pensaram nisso? Já pensaram que se ele desaparecer estaremos condenado: a morrer de fome? (SILÊNCIO)

SANTIAGO - Podemos trabalhar, mendigar, roubar!

WOLFI - Ah! Onde? Fora?

SANTIAGO - Onde for. (SILÊNCIO)

GATO - (MOSTRANDO WOLFI, DIRIGE-SE PARA SANTIAGO) - Tem razão, Santiago. Ele tem razão.

SANTIAGO - (HISTÉRICO) - Não tem razão! Seríamos livres, seríamos fortes!

WOLFI - Alguma vez saíste para o mundo exterior? Alguma vez abriste essa porta?

SANTIAGO - Eu o faria! Juro! Eu o faria!

WOLFI - Não farias!

GATO - Nunca fiamos! (PARA SANTIAGO) - E queres saber por que?

SANTIAGO - Ratos medrosos!

GATO - Sim! Por isso! Porque temos medo! O medo nos paralisa, nos põe uma cerca nas veias! O medo, o medo!

SANTIAGO - (GOSPE) - Merdão nojo!

WOLFI - Pensaste alguma vez no mundo exterior? Navegar por essas ruas sempre abertas e desertas, entrar latas de lixo, ao amanhecer, até ficar gelado? Pensaste alguma vez na fome?

SANTIAGO - Seríamos livres!

GATO - Livres? Livres? Como quem? (UM INSTANTE ANTES, O VELHO LOU COMEÇOU A PASSAR POR FORA, DE QUATRO PÉS. GATO APONTA PARA ELE)
- Como este animal? (O VELHO SE DETÉM, SURPRESO, UIVA LASTIMAVELMENTE E CONTINUA SEU CAMINHO) - Dormindo nos buracos? De -

= Dependendo do favor de qualquer outro Magnus? O mundo é de -
les... ilusão estúpida... (SILÊNCIO)

SANTIAGO - Então... poderíamos ser... um deles... como eles...

WOLFI - Traidor!

GATO - (COM UM SORRISO) - Te atreverias?

WOLFI - Reverência para o novo Magnus!

-- Te atreverias (SILÊNCIO)

WOLFI - Aí está a porta, Magnus. Adiante. O mundo te espera.

GATO - Vamos, Santiago. Quem te impede de sair? Essa porta nunca es-
teve fechada (SILÊNCIO)

WOLFI - Vamos! (COM UM IMPULSO, SANTIAGO SE JOGA PARA A PORTA E SE DE-
TÉM. HÁ UM SILÊNCIO EXPECTANTE. O QUE SE SEGUE É QUASE SIMUL-
TÂNEO. SANTIAGO VOLTA-SE PARA SEUS IRMÃOS COM UM GRITO DE RAÍ-
VÁ E IMPOTÊNCIA. O VELHO UIVA LASTIMAVELMENTE, FORA DE CENA.
MAGNUS CRUZA NA PONTA DOS PÉS E COM EXPRESSÃO ANIMALES
CA POR FORA.

TODAS AS LUZES SE APAGAM).

"FIM D O PRIMEIRO A T O"



SEGUNDO ATO:



(Música de Banquete do Renascimento, levemente distorcida. Uma mesa com uma reluzente toalha branca e alimentos em cima. Sentados atrás dela, da esquerda para a direita: Gato, Wolfi, Magnus, Júlia e Santiago. Magnus se encontra num plano um pouco mais elevado que os outros. Come e bebe sem parar, vulgar e voraz. Wolfi observa-o e prepara imitá-lo, grosseiramente. De quatro por junto à mesa, o Velho empessa ansioso que lhe jogue a sua comida. Júlia corta cada pedaço em pequenas fatias, delicadamente. Santiago, sem prestar atenção ao que o cerca, saboreia sua comida de forma sensual e narcisista. Gato olha atentamente um copo de vinho tinto que tem entre as mãos. Molha suas lábios e irrompe com uma poesia goliardica:

GATO: "Res est arduissima, vincere naturam,
In aspectu virginis mentes esse potestas
Juvenes nos possumus legem sequi duram
Levisque corporum non habere curam"

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

MAGNUS (cutuca Wolfi) - O que é que ele está dizendo Wolfi?

WOLFI - Besteiras, Magnus. É uma poesia dos Goliardos.

GATO - "Quicquid Venus imperat, labor est suavis..."

(estupefada de Magnus em Wolfi)

WOLFI - (com um risinho) - O que manda Vênus é trabalhar suave

(Magnus e Wolfi riam com a boca cheia)

GATO - "Homo est propositum in taberna esse"

WOLFI (traduz rapidamente ao ouvido de Magnus) - Seu propósito é cozer na taberna.

GATO - "Ut sint vina proxima morientes esit"

WOLFI - Para ter a vinho próximo à boca quando se está morrendo.

GATO - "Tunc cantabunt letius angelorum chori"

WOLFI - OS anjos cantarão alegremente.

GATO - "Sit deus propitius huius potatori"

WOLFI - Deus seja clemente com este bêbado.

(Gato bebe até o fundo do copo)

MAGNUS - Não está nada mau, querido. Mas vocês, os intelectuais, são tão mesquinhos... (mastiga, bebe) Quando têm fome, só se lembram de pensar na fugacidade da vida. Quando estão cheios, justificam-se com



GATO= Por esse lado, por esse lado. Não por aqui, por aqui não

(Julia se recompõe um pouco)

JULIA=(para Magnus que continua devorando indiferente)- Magnus, tu me dáes noje! (Magnus olha rapidamente para ela e, encolhendo os ombros, continua. Wolfi esgotou sua resistencia. Depois de engolir um ultimo pedaço, sente náuseas. Levanta-se cambaleando, e vai para fora, onde aparentemente vomita. Magnus explode em gargalhadas)

MAGNUS (com a boca cheia)- Cachorinho, ainda te falta muito para competir com o estomago do papai!

SANTIAGO (com voz aflautada)- O estomago de vossa do papaizinho!

GATO= Agora por aqui, por aqui, por aqui. Não!

JULIA (dirigindo-se aos filhos)- Mas como pode comer dessa maneira?

GATO (dividido entre Julia e o Velho)- Comer e cagar é um mesmo e único caminho, como disse o velho Heráclito. (ao Velho)- Não! Tudo é relativo,

Julia, Epa! (entrega finalmente a posta ao Velho que leva a presa para um canto. Salta da mesa.) Depende do jeito de olhar. Tudo está misturado. (Magnus solta uma gargalhada sarcástica. Triste) A destruição, o amor; tudo está misturado.

SANTIAGO= Tenho vontade de amar.

(Julia sentou-se no chão; abana-se com o vestido)

JULIA= Ai, como eu sinto calor!

(volta Wolfi, mal humorado; o Velho atravessa o caminho e recebe um pontapé. Latidos de dor. Wolfi senta-se em seu lugar anterior e olha rancorosamente para Magnus. Este terminou. Bebe o ultimo trago, solta um arrote e limpa-se com um guardanapo. Acomoda-se na cadeira)

MAGNUS= Isto é que é comer, hein? Agora sairia bem um pouco de ideologia (Gato levanta-se, pigarreia e tenta sair sem ser visto) Onde vais, querido?

GATO= Tenho que responder?

MAGNUS= Sim.

GATO= São assuntos particulares.

MAGNUS= Não podes controlar o esfíncter, baby? Vocês, os jovens, são tão impacientes. Não querem aceitar que a gente lhes dê um lugar na sociedade. Não querem, no fundo não querem ser ouvidos. Vamos, querido.

Entabulamos um diálogo de gerações.

GATO= Com a bexiga cheia, papai?



MAGNUS- Por que não? Não dizem que a necessidade estimula a imaginação?

WOLFI- Certo

MAGNUS- Por outro lado, isso é o que eu aprecio em ti, Gato, a tua imaginação.

Vamos, hoje me sinto generoso: te concedo dez minutos para imaginar.

GATO- Livrementes?

MAGNUS- Claro que sim.

GATO- Mesmo que eu imagine o pior?

MAGNUS- Não tenhas medo, filho. Até agora nada no mundo foi destruído apenas com a imaginação. (pausa) Mas o que é que queres destruir?

(silêncio)

GATO- Tua casa Magnus.

MAGNUS- A casa? Mas porquê? Não estás confortável aqui?

GATO- Não era isso exatamente o que eu queria dizer.

MAGNUS- Disseste claramente: quero destruir tua casa. (para Wolfi) ou não?

WOLFI-(objetivo)- Sim, foi isso que ela disse: quero destruir tua casa.

MAGNUS-(entre parentesis) "Nossa Casa". Mas por quê?

GATO- Estou me mijando, Magnus.

MAGNUS- Vamos querido. Fazes uma afirmação tão importante e depois não queres justificar?

GATO- Bom... eu não me referia a uma coisa em particular... mas a... digamos, bem... a certa maneira de ver as coisas...

(gargalhada de Julia)

MAGNUS- Santiago! Fique de olho, o Grande Irmão vigia. E você, Julia, um pouco de seriedade, porra! (para Gato) Explica-êhemolhas querido.

GATO- Está bem, Magnus. Só queria dizer, simplesmente, que num mundo como o teu, baseado no roubo, na mentira, na opressão...

MAGNUS- É um ponto de vista.

GATO- Um mundo como o teu é muito frágil, Magnus, é inseguro, efêmero... (pausa)

MAGNUS- O que achas Wolfi? Tu também te sentes inseguro em minha casa?

WOLFI- Claro que não papai.

MAGNUS- Estou desconfiado de uma coisa, Amâncio. Tuas ideias são francamente subversivas.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 326.0242 - CEP 91020-025



WOLFI- Eu o vi lendo um livro de Lênin, papai!

MAGNUS(para Gato)- Mas não, querido... Agora entendo. Tens que ler coisas de cultura geral... Mas Lênin, Marx... Caíram de moda, filhinho!

GATO(irônico) É um ponto de vista. Talvez tuas vítimas não pensem assim

MAGNUS(irritado)- Para começar, quem são minhas vítimas?

GATO- Os que construíram tua casa, os que ficaram à margem, os famintos, e a classe operária, Magnus.

MAGNUS(agarrando a cabeça)- Que montão de palavras! Wait a minute. Gato! Tuas palavras não têm significado, filho. São puro som, pensa bem. As ideologias estão agonizando, as palavras estão em decadência. Se não podemos mudar a linguagem é preferível que permaneçamos no mais completo silêncio...

(Wolfi começa a articular sons monstruosos e a gesticular como um surdo-mudo)

MAGNUS- Primeiro, o que significa isso de que constuíram minha casa?

Não paguei a eles? Não houve um contrato? Não me desliguei deles através de uma simples soma de dinheiro e amparado pela lei que é igual para todos?

(pausa) Ficaram à margem? E o que queriam? Que ficassem eternamente dentro?

(pausa) Famintos? Quem não come nesta bendita terra? Não podemos nos sentir culpados porque há fome na Índia milenar, em Tucuman ou em qualquer outro país. São coisas do imperialismo yankee. Eu também estou contra os monopólios. E por fim, que merda é essa de classe operária? Aqui temos que raciocinar com muita cuidado; Amêncio, classe, classes! O que significa?

(grito de Julia. Magnus volta-se violentamente para Santiago, mas, diz em tom de compromisso)

MAGNUS- Santiago, és um filho da puta. Sim és um filho da puta, Santiago. Aproveitas enquanto o papai está ocupado falando com outra pessoa, e isso é falta de educação. Julia, vem cá, querido.

(Julia senta-se perto de Magnus, com expressão de menininha privilegiada. Quando senta Magnus faz um gesto carinhoso)

MAGNUS- Está bem, linda?

JULIA:-Agora sim, Magnus. (com um olhar acusador para Santiago) Santiago é obscuro.



(apesar disso, no decorrer da cena seguinte, Magnus não deixará de manter com Santiago uma comunicação através de sinais, gestos complicados, risinhos silenciosos, etc... Finalmente como por descuido, levantar-se-á de novo e irá ao encontro de Santiago)

MAGNUS- Bem, onde eu estava?

WOLFI(assoprando) Na classe operária, papai.

MAGNUS-Sim... Amâncio, as classes não existem. São uma invenção de loucos. Oportunidades para todos, hoje por ti, amanhã por mim, e dinheiro não traz felicidade, hoje estás em cima e amanhã embaixo, dói mais cair do que subir, quem muito quer tudo perde e mais vale um pássaro na mão que cem voando. Sabedoria popular, querido? É preciso saber mamar nas tetas do povo.

GATO(venenoso)- Nesse assunto, concordo que és um especialista, Magnus.

MAGNUS- E se não existe classe operária, não há famintos, se me desliguei dos que construíram minha casa, não há vítimas! Entendes, Amâncio? Não existem vítimas! Não há o que temer!

(Silêncio obcecado de Amâncio)

MAGNUS - Bem, suponhamos que existam vítimas...

GATO - Suponhamos, Magnus...

MAGNUS - As vítimas não pensam, cachorro. Estão muito ocupadas em ser vítimas. Não representam nenhum perigo.(Silêncio) A vítima e o vitimados formam um sistema, uma estrutura que se ajusta perfeitamente. Não há nada de mau nisso. (Silêncio. Comovido) Gato, tua ingenuidade me comove. (Silêncio) Teu cérebro foi tomado pelo pânico, e me comove. Gostaria de te dar a minha segurança, a segurança com que contei durante toda a minha vida. (Silêncio) Mesmo quando existia um perigo real, por acaso não temos preparadas as nossas defesas, não estamos protegidos de qualquer eventualidade? Deixamos de lado a força bruta. Tem um valor dissuasivo, não se deve menosprezá-la, mas o que queres que eu te diga? Eu, no fundo, sou um idealista... Por isso, deixamos de lado esse aspecto. Por acaso não contamos com uma arma sutil e poderosíssima? Sabe qual é, Gato? (Silêncio) O homem, filhinho, é o homem mesmo. Sua debilidade e sua fome, a possibilidade de formar imagens ou ilusões em seu cérebro. E essa possibilidade é fantástica! De objetos, cachorro! O homem vive atrapalhado pelos objetos! Possuir, posuir, possuir! E para nós, não é suficiente mostrar, mostrar e nada mais! Acreditas que eles ficam indignados porque nós existimos? Eles querem ser nós! Estão tão corrompidos quanto nós! É o mesmo jogo! Aí está a armadilha.

(Silêncio)

GATO(=uavemente)- E qual é o teu triunfo, Magnus? Se para manter teus objetos precisas corromper e destruir e encher de ansiedades inúteis, qual é o teu triunfo?

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

MAGNUS(Incômodo)- Dom, não é somente pelos objetos materiais, Amâncio. Nem só de pão vive o homem. Também precisamos de vocês, os sacrificados, os idealistas, os intelectuais. São nossa parte crítica, os que nos impedem de cair na inércia e na morte. (João) Quantas vezes nos cortaram a digestão! (Ameaça-o de brincar com um dedo) E não somente os intelectuais. Também os artistas. (Magnus e Wolfi fazem uma mútua reverência) Os artistas! Como poderíamos nos esquecer dos artistas, que enriquecem nossa vida, lhe dão variedade e sensibilidade! O que queres, Amâncio? A arte sublima nas patas de hordas sinistras?

(Silêncio)

GATO(Iluminado)- Algum dia, talvez, quando tudo isso seja esquecido, o eterno sairá à luz da manhã e resplandecerá.

JULIA - Amém.

MAGNUS(Batendo com o punho na mesa)- Isso é extremismo!

WOLFI(imitando seu pai) - Agitador!

GATO - Disseste que eu podia imaginar livremente.

MAGNUS - Passaram os 10 minutos!

GATO - Então vou dizer minha última palavra.

MAGNUS - Te proíbo!

GATO - Isso é uma trama, é verdade. Mas não apenas para eles, Magnus, para nós também! Nós estamos apodrecendo em vida, percebes? Teu mundo é insano, Magnus, e tua casa é uma montanha. E eu tenho medo! Tu me deste uma terra ilusória! E agora ela desmorona. E no meio dessa casa, eu quero viver! Quero viver, Magnus! O que acontece com a minha vida?

JULIA - Amém.

GATO - Juro, Magnus, que já não aguento. Estamos na vitrine, representando alguma coisa para eles, espiando sobre os seus movimentos. Eles desfilam diante da vitrine e têm as caras crispadas. Já viste, papai? São obra nossa. E é inútil, agora, renunciarmos a tudo isso! Aos nossos objetos! É inútil dizer, isso não existe! Somos os responsáveis por sua fome, sua frustração e sua covardia!

JULIA(Afastando Santiago)- Não! Quero escutar. Vamos, Gato. Eu te apoio.

GATO - Até quando, Magnus? Todos os dias olho esse vidro frágil e me pergunto quando se quebrará em pedaços. Quando começarão a jogar-lhe pedras!

JULIA - Isso! Que tudo vá à merda!

GATO - Magnus!

(Silêncio)

MAGNUS(Suave)- Sim... Fizeste uma pergunta? Não sei, Gatinho. Vocês é que fazem as perguntas, portanto devem respondê-las. (Muito lentamente) Arranjem-se... como puderem. (Pausa) E chega do discussões por hoje. Estou cansado. (Pequena pausa) Lou?

VELHO - Sim, Magnus?

MAGNUS - Por que reclamam? Não os entendo, Lou! Por acaso reclamaste quando te tirei Bibi? 8

VELHO - Não, Magnus.

MAGNUS - E quando arruinei teu futuro, apoderando-me da empresa, te reduzindo à miséria e levando-te à beira do suicídio, reclamaste?

VELHO - Não, Magnus. Eram as regras do jogo. Livre competência. Aconteceu comigo. Poderia ter acontecido com você. Agora eu estaria em teu lugar. Com uma casa, com filhos. E você estaria nas ruas, tiritando de frio, comendo os restos.

MAGNUS - Certamente, Lou! Isso se chama igualdade para todo mundo. É natural. Ah, Lou, que desilusão!

VELHO - Nossa geração era melhor, Magnus.

MAGNUS - Isso é o que suspeito, meu velho Lou. Tínhamos convicções firmes. Sólidos valores morais!

VELHO - Eramos geniais, Magnus!

MAGNUS - Fortes e pujantes. Chãos de vida. (Suspira) Ah! Que cagada, Lou! (Um silêncio. Lou avisa Magnus através de sinais que Gato permanece em seu lugar, com expressão ofuscada. Magnus adota uma atitude fria. O resto o imita. Sentam-se todos nas grades. Geladamente) Tinhas mais alguma coisa para dizer, Amâncio?

GATO (Com um gesto firme) - Sim! (Dá um passo à frente) Eu... (Tem uma expressão perplexa e ofuscada) Eu... (Vacila, está evidentemente sob tensão). Protesto! E... (Vacila. A tensão cede no grupo. Cochicham.)

MAGNUS - Agora está melhor.

WOLFI - Mais humano, não é mesmo?

GATO - Quero dizer que... Protesto! Procuro...aquele que... (Sempre com gestos firmes, que contrastam com sua incoerência) A piedade e a violência! Procuro... Uma violência que seja destrutiva... e piedosa. Eu... protesto! Energicamente! (Aplausos amáveis dos demais)

SANTIAGO - Assim é que se fala, Gato!

MAGNUS - Pelo menos faz sentido! (Uma pausa. Gato não se move, a cabeça baixa, humilhado. Mudança de luz: alaranjada, onírica na zona em que se encontra Gato. O resto dos personagens, numa débil semipenumbra que os torna distantes, como se fossem vistos atrás de uma camada de água turva. Gato em nenhum momento se dirigirá aos outros, mas sempre ao público. Por sua vez, os das grades falam cochichando, como se estivessem frente à uma representação)

JULIA - O que está acontecendo? Não terminou?

SANTIAGO - Sim, já terminou.

JULIA - E por que fica aí parado? O que é que ele tem?

WOLFI - Está comovido.

SANTIAGO - Sempre acontece isso. Dura o efeito do que diz.

WOLFI - Não se usa para convencer pelas próprias palavras (usa o rosto levemente. Está deslocado)

GATO - Tudo está vazio ao meu redor. Uma imensa cidade morta, devastada. Passam sombras rápidas, contornos do homem em baixo de uma lua pálida. E estou só. Estendo meus braços para as camadas de ar que se desintegram e se dissolvem quando as transpasso. Caminho sobre escombros, que se fundem frágeis sob os meus sapatos. A realidade desmorona sem nenhum som às minhas costas e respiro uma luz insôria. (Aplausos amáveis dos outros)

JULIA - Está se sentindo mal?

MAGNUS - Não, está representando.

JULIA - Ele me dá medo.

GATO - Rogo-lhes que creiam em mim. Escuto suas vozes brotar ao longe, mas não posso sair desta irrealidade. (Todos, menos Julia, aplaudem amavelmente)

JULIA (Inquieta) - Ele está passando mal. Temos que ajudá-lo.

MAGNUS - Não sejas ingênua. Não o interrompas.

WOLFI - É apenas uma representação.

GATO - É disso, é exatamente disso que lhes rogo que me salvem. Porque já perdi o controle da minha representação. Socorro, por favor. (Aplausos dos outros)

JULIA (Recompondo-se) - É preciso ajudá-lo! Está sofrendo! Não vêm que está sofrendo?

OS OUTROS - Pssiiiiuuu. Idiota. Como pode ser tão imbecil? Inculta. Con-funde uma mera representação com a realidade. Estúpida.

JULIA (Amadrontada, senta-se) - Mas se ele estiver dizendo a verdade? (Os outros explodem em risos sufocados, reprimidos)

MAGNUS (Enxugando os olhos) - A verdade... Júlia olha para os outros, desconcertada. Estes se torcem de riso, mas ao ver que Gato continua falando, pedem silêncio uns aos outros, fazendo enormes esforços para compor a figura e fingir seriedade)

GATO (Desmorona lentamente, e termina acocorado no chão, em posição fetal) Vermes e ratos, já estou com vocês: em meu mundo morno de objetos, no ventre emaranhado e fofo da mãe terra. (O Velho sublinha as últimas palavras com um latido canino. Aplausos, aos quais Júlia une-se timidamente. A luz se torna normal. Gato integra-se aos outros imediatamente)

MAGNUS (Levantando-se) - Bom, esta sobremesa já se prolongou o suficiente.

JULIA (Aproveita a oportunidade) Certo. (Levanta-se também, com aspecto de "missão cumprida", arruma a roupa) Que horas são? Já deve ser quase madrugada. Também... Vocês jantam tão tarde. Alguém viu minha bolsinha? (A expressão do resto dos personagens é evidentemente sarcástica)

Teatro de Arena
 Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



SANTIAGO - Alguém viu a bolsinha de Julia?

GATO - A bolsinha de Julia, Wolfi.

WOLFI - Aonde eu vi a bolsinha de Julia pela última vez?

MAGNUS - Procurem tapazes! (todos começam a mover-se, numa busca aparente)

WOLFI - Mas tens certeza que trouxeste alguma bolsa, Julia?

SANTIAGO - Não me lembro de ter visto nenhuma.

JULIA - Mas como não? Era assim... de camurça... marfim...

GATO (Estalando os dedos) - Com retalhos vermelhos e verdes?

JULIA - Não, não... Era assim... Liso! Mais lizo.

GATO - Então, não.

JULIA - QUE loucura! Eu me lembro perfeitamente...

WOLFI - Lou, não viste uma bolsinha marrém?... de camurça?

LOU - Bibi tinha uma igual.

JULIA - É ridículo, eu estive toda a noite com...

SANTIAGO - Sempre acontece isso, Júlia. Quando a gente procura as coisas, não consegue encontrá-las.

WOLFI - Acontece nas melhores famílias!

MAGNUS (que contemplou a cena sarcasticamente) - Acho que no parque ela estava nos teus ombros.

JULIA (com um risinho nervoso) - No parque?

MAGNUS - Sim, um momento antes de entrares em casa. (Risinho de Júlia e silêncio) Em frente de casa há um parque, Júlia. (Silêncio) Não te lembra?

JULIA - Não me lembro de nenhum parque.

WOLFI - Sempre esteve ali.

GATO - Que a gente saiba.

SANTIAGO - Talvez tenha desaparecido durante a noite, mas...

WOLFI - É muito raro que um parque desapareça assim... de repente...

GATO - Pode ser visto da janela.

SANTIAGO - Pode espionar, Júlia.

JULIA - Não, não. Acredito em vocês, se havia um parque aí, ela deve continuar. Mas não me lembro... de ter estado em nenhum parque esta noite.

MAGNUS - Vamos, Júlia. Um pouquinho de memória.

JULIA - Estou me esforçando, Magnus.

MAGNUS - Caminhamos em silêncio...

JULIA - Sim, sim.

MAGNUS - Um muro vermelho.

JULIA - Lembro perfeitamente dole.

MAGNUS - Quando chegamos na frente de casa, tornaste a vacilar.

JULIA - Sim...

MAGNUS - Eu te disse que a gente podia esperar... (A luz vai começando a

modificar-se) Que podíamos sentar na praça... Aceitaste... De pedregulhos estalavam embaixo de nossos pés... (A luz reduziu-se ao jogo de Magnus e Júlia) Havia uma fonte... Um banco. (Alguém coloca o banco) Sentaste na ponta do banco. (Júlia, hieraticamente, senta) Levavas a bolsa nos ombros. (Alguém coloca a bolsa nos ombros de Júlia) Eu jogava pedrinhas na água. (Abaixa-se, recolhe uma pedrinha e joga-a com fúria na água. Entra na representação, como Júlia) Teu silêncio começa a me enfastiar, irmã.

JULIA - Não tenho nada a dizer.

MAGNUS - Não se trata de dizer... (Aponta) Aí está a minha casa. Vê essas duas janelinhas iluminadas? Acabam de acender as luzes do meu quarto. Ali estão meus filhos. Eles esperam por nós. É preciso que nos ponhamos a caminho. Basta atravessar a rua. (Silêncio. A mulher permanece imóvel) E então? (Silêncio)

JULIA - Estou cansada. Não consigo organizar meus pensamentos. (Silêncio)

MAGNUS - Vou tomar uma decisão.

JULIA - Posso tomar minhas próprias decisões.

MAGNUS (Sem olhar para Júlia, como se falasse em sonhos) - Pego tuas mãos. Olho nos teus olhos. Tens os lábios brancos. Como se estivesses morta. Não. Teu sangue pulsa sob a minha pele. Percebi ao te encontrar na rua. Tua vida não tinha sentido. Era uma vida casual. Agora eu te dou sentido. Eu te transformo, na medida do meu próprio destino. Por mais que quisesse, não conseguirias resistir à tentação.

JULIA (No mesmo tom de Magnus) - Nem sequer o vi. Percebi uns lábios que fumavam, uma cabeça enorme, olhos frios e cortantes. No começo me pareceu grotesco, disforme. Mas depois... Esse homem sabia alguma coisa sobre a vida, alguma coisa sobre a morte. Mas não sei.

MAGNUS (Unem-se aqui os gestos, o tom e a palavra de Magnus, que se volta subitamente para Júlia) - Femeazinha.

JULIA - Chega! Não percebes que minha maquiagem desbotou? Tantas palavras apenas para deitar-se comigo. Como se fosse uma coisa de outro mundo. Ou acha por acaso que sou virgem? Não me faças. Precisa falar dos filhos, da casa. A moral do pai, da família. Vamos, faça alguma coisa! Achas que eu tenho medo? A única coisa que me importa é que vais me deixar. E não aceito dinheiro. (Magnus ri suavemente. Silêncio)

MAGNUS - Ressentimento. Nada mais. Eu não posso deixar no mundo nada além de ressentimento. (Silêncio)

JULIA (Angustada) - Não, não aceito.

MAGNUS (Sabendo que ganhou) - Podes dizer "minha vida", e acrescentar mais uma palavra?

JULIA - Não preciso de palavras.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone 226.0242 - CEP 90020-025



- MAGNUS** = Eu posso acrescentar palavras à tua vida. Depois virão outros, e no final tua vida vai ser uma rede tecida pelos outros, um conjunto de palavras odiosas. Mas será alguma coisa. (Silêncio)
- JULIA**(Explede) = Me deixa em paz! (Magnus mantém um silêncio expectante) Você... Está me preparando uma armadilha. Eu sei. Eu vejo. Mas não consigo sair. (Pausa) Você me invade. (Pausa) Mas não posso escapar. Atrai com tanta força. Estou enjoada. (Pausa) Ah, eu te odeio!
- MAGNUS** = Então já escolheste. (No meio do silêncio, a luz volta a invadir lentamente toda a cena) Isso foi tudo. (Silêncio. Júlia está aniquilada) Selaste um pacto. (Pausa) É preciso cumpri-lo.
- JULIA**(Depois de uma pausa, histéricamente) = Não aceito nenhum pacto!
- MAGNUS**(Autoritário e definitivo) = Wolfi! Santiago! (Os dois se arrastam para um lugar do cenário onde há uma chaise-longue. Júlia olha-os desesperada)
- JULIA**(De repente) = Tudo está tão sujo, Magnus. Me dá nojo. É uma desordem... (Começa a arrumar tudo freneticamente)
- MAGNUS** = Santiago! Gato! (Os dois saem e logo entram com um biombo decorado com imagens vagamente eróticas. Colocam-no em frente à chaise longue)
- MULHERES** = Magnus! (Pausa) Não achas que é preciso lavar os pintos? Falando sério, sou uma neurótica com limpeza. Lá em casa, todos os dias...
- MAGNUS** = Santiago! Wolfi! Gato! (Eles levam o biombo e sentam-se ali)
- JULIA** = O que é que estão fazendo?
- MAGNUS** = De costas, Lou! (O Velho vai para um canto e coloca-se de costas para a sala)
- JULIA** = Não faça isso, é um velhinho tão simpático. Pode ficar, Lou! Eu de qualquer forma tenho que...
- MAGNUS** = Vamos, Júlia! (Silêncio)
- JULIA**(Grita) = Um momento! (Silêncio) Posso olhar na janela para... Ver... se...? (Magnus desapareceu atrás do biombo. Júlia se dirige para lá, mansamente. Desaparece. Estão iluminados apenas o biombo e os filhos. De repente aparece a metade do corpo de Júlia) Wolfi! Será que podias me trazer um copo d'água? (Desaparece de repente, como se algo a tivesse puxado. Silêncio. Os filhos se mexem, pigarreiam. Silêncio longo)
- WOLFI**(Suspirando) = Bom, aqui estamos.
- GATO** = Em plena madrugada.
- SANTIAGO** = Madrugada suja de inverno. (Silêncio) Quando vai terminar isto Gato?
- GATO** = Isto é quê, Santiago?
- SANTIAGO** = Esta espera. Ou esta busca.
- GATO** = Não sei. (Wolfi se levanta, espreguiçando-se. Seus irmãos o olham)

R.F.U.
D. P. F.
DE CENS.
RUBENS
P. S. S. S.

GATO(Severo) - Onde vais, Wolfi?

WOLFI(Desculpando-se com um sorriso tímido) - Para... para lugar nenhum, Gato. Só queria... (Olhar severo dos outros, Embaraçado, Wolfi, volta a sentar-se, Silêncio, Santiago começa a rir suavemente.) O que é que há, Santiago?

SANTIAGO - Nada... Estava me lembrando de uma coisa... Mas é uma bobagem. (Silêncio) Realmente, é uma bobagem.

GATO - De que se trata, Santiago?

SANTIAGO - Tenho medo... É ridículo... Tenho medo... de despertar um dia...

GATO - Isso seria absurdo. (Silêncio, De repente, Gato se apruma) Acho que me chamaram. (Olhar gélido dos outros.) Vocês não ouviram nada? (Silêncio, Gato, envergonhado, volta a sentar-se, Silêncio)

SANTIAGO(SANTA) - "Allons, enfants de la patrie. Le jour de gloire est arrivé..." (Silêncio)

WOLFI - Apesar de tudo, é bonita...

GATO - Quem, Wolfi?

WOLFI(Lírico) - Nossa terra, Amâncio, (Sonhador, com gestos amplos e afetados) Bosques... e colinas... De verdes campos... onde... Com o arado... A semente... O trigo cresce e cresce... Seus vales e... montanhas... Sua anatomia... exuberante... (Silêncio, Santiago se levanta) Onde vais, Santiago?

SANTIAGO - Queria ver se... já está amanhecendo... (Olhar severo, Embaraçado, Santiago volta a sentar-se)

GATO - Irmãozinhos... (Silêncio) Acho que o sol acaba de levantar-se. (Um assobio agudo atrás do biombo. Os filhos se levantam de um salto. Espalham-se, agitados e nervosos, chocando-se entre si. Santiago e Gato empurram o biombo até desaparecer atrás dos bastidores. Wolfi põe um disco; jazz lento e erótico. A luz é crua; tudo lembra um melodrama naturalista. Sentada de um lado da cama está Júlia, em roupas íntimas, com expressão de prostituta. Magnus, de canica aberta, sem gravata. Os filhos movem-se nas pontas dos pés. Júlia, com gestos lânguidos e sensuais, acende um cigarro, com um pé puxa sua carteira que está sobre uma cadeira próxima à cama, como as roupas. Abre-a e vai tirando sua caixinha de pó, seu baton, etc. Pinta os lábios exageradamente de vermelho, carrega no rímel e no pé. A cena desenvolve-se com ritmo lento, ante a enorme expectativa dos filhos. Quando termina de maquiar-se, Júlia procura, infrutiferamente, olhar-se no seu pequeno espelho. Deciste e olha em volta com olhos semicerrados)

JULIA - Meninos, eu gostaria de um espelho maior. (Os filhos saem nervosos. Volta com o espelho e o suspendem perto da cama. Júlia levanta-se e dirige-se, requebrando-se, ao espelho. Os filhos assobiam de admiração. Um deles diz: Wow! Caralho, aqui estamos! (Risa-

dinha de Júlia e dos filhos) Então esta sou eu? (Risinhos nervosos)
Bem, bem. (Risinhos) Sou eu mesma! (Afasta-se do espelho. Passa as
mãos nos quadris) Caralho! Nunca pensei que pudesse me sentir as-
sim tão... tão leve! Me sinto como... como uma pluma! (Dirige-se a
Santiago) Vou te comer todinho, nhamm! (Os outros se dão cotove-
laços, sorriem beatificamente. Júlia abraça Santiago. Dão alguns
passos apertados, seguindo o ritmo do jazz. Júlia ergue o cabelo,
com calor, feito Rita Hayworth) Isto é um inferno, meninos! Quem
me dá um trago? (Wolfi sai rapidamente. Volta derramando uísque em
um copo, entrega-o a Júlia que continua abraçada com Santiago. Jú-
lia bebe um gole, ao mesmo tempo em que Santiago lhe diz alguma
coisa no ouvido. Com a boca cheia de uísque, Júlia explode numa
gargalhada obscena e o afasta.) És um porco, garoto! (Sem parar
de rir, com o copo na mão, avança até o proscênio, vacila e come-
ça a cair, sensualmente, rindo e soluçando, com um pouco de histeria.
Revolve-se no chão. Recompõe-se um pouco) É preciso divertir-
se, meninos! (Os filhos lhe respondem com risadinhas nascidas de
compreensão) Não me ouviram? Eu disse que é preciso divertir-se!
(Brutal) Quero foder! (Silêncio)

Filhos(Compreensivos. Penalizados) = Nós ouvimos, Júlia. Está bem, Júlia.

JULIA = Seus filhos da puta! Quero mais uísque!

FILHOS = Está bem, Júlia.

Nós te compreendemos, Júlia

Compreendemos tua angústia.

Não beba mais, pobre Júlia.

Não afogue suas dores no álcool

JULIA(Mistérica) - Uísque! Uísque! (Wolfi, que tem a garrafa escondida,
faz como se olhasse a garrafa contra a luz)

WOLFI = Acabou!

JULIA(Brutal) = Merda! (Cai, exausta)

FILHOS = Pobre Júlia

Transformou-se em merda.

Precisa de compreensão.(Aproximam-se dela, ajoelham-se a seu lado,
levantam-lhe a cabeça)

JULIA(Soluçando) = Meu Deus, o que foi que eu fiz? O que foi que eu fiz,
meu Deus?

FILHOS(Compreensivos, consolam-na) = Bom, bom. Fica quietinha. Está tudo
bem. Não aconteceu nada. Du-bu-baby. (Ajudam-na a levantar-se)

JULIA = Sou uma pobre puta. (Durante essa cena, Magnus permaneceu estira-
do na cama, indiferente a tudo. Os filhos e Júlia formam um gru-
po. Há algum tempo, a agulha da vitrola está raspando no final do
disco, a música já terminou. Júlia, repentinamente, com o rímel
escorrendo, melodramática) Magnus, Magnus! Devolve a minha virgini-
dade! Te peço de joelhos, Magnus! Enquerá o nada! Quero voltar a



ser livre! Quero voltar a ser virgem! Me dá a minha virgindade,
Magnus! Minha virgindade!

FILHOS (Com voz de falsete) - A virgindade dela, Magnus! (Todos, como um
coro de suplicantes de tragédia grega, dirigem seus braços para
Magnus. Quadro grotesco. Magnus prepara-se, com um longo silêncio
Logo, cínico e brutal)

MAGNUS - Tua virgindade? (Pausa) Tua virgindade? (Pausa) Essa pelezinha
fina e frágil? Tua virgindade me envolve e me abriga! (Os filhos,
fazendo um círculo em volta de Júlia, cantam em falsete, como um
coro de crianças)

FILHOS - Tua virgindade, tua virgindade...

MAGNUS - Tua virgindade me dá poder! (A cena se transforma num verdadeiro
pandemônio. Todos os personagens, menos Magnus, que se ergue como
um ídolo fálico no meio do cenário, correm desorientados, gritan-
do. Pouco depois a desordem se ordena: Gato berra uma canção em
latim. Santiago persegue Júlia, que ri escandalosamente. Wolfi es-
tá tomado por convulsões demoníacas e epilêpticas. Lou saca nas
quatro patas e gesticula)

VELHO - Bibi! Bibi! Bibi!

GATO - "O fortuna
velut luna
statu variabilis
semper crescis
aut decrescis;
vita detestabilis,
Nunc obdurat
et tunc curat
ludo mentis aciem
egestatem,
potestatem
dissolvit ut glaciem"

MAGNUS (Grita no meio da algazarra) - Quem é o ser dos seres, o grande, o
invisível?

TODOS - MAGNUS!

MAGNUS - Quem é o sol, o universo, o ponto de referência?

TODOS - MAGNUS!

WOLFI (Com a voz deformada) - Magnus, dez Grooooooos!

GATO - Heil, Magnus!

TODOS - HEIL!

MAGNUS - Quem é que tem vocês todos amarrados com os fiozinhos sutis da
cumplicidade?

TODOS - MAGNUS!

MAGNUS - Quem lhes dá o sol, os ilumina e salva-os do nada?



TODOS = MAGNUS (Magnus solta uma gargalhada e se dobra. Há um profundo silêncio)

MAGNUS = E agora, Magnus... O grande, o invencível e soberbo Magnus, fará para todos e para qualquer um que deseje escutá-lo e se atreva... a última confissão de sua tremenda debilidade. (Wolfi solta um gemido e lança-se aos pés de Magnus)

WOLFI = Não, Magnus! Não faça isso! Por Deus, Magnus, não! Eles te destruirão! Estão cheios de fome e de vingança! Eu te rogo, Magnus! Não nos dê a possibilidade de que o monstruoso se levante em nós!

MAGNUS (Suave) = Fica tranquilo, Wolfi. Alguma vez fiz alguma coisa que não quisesse e não fosse proveitosa para mim?

WOLFI (Queixoso) = O que peço é que agora faças alguma coisa proveitosa para nós.

MAGNUS = Isso é pedir muito, Wolfi. Vai para perto dos teus irmãos. Agora preciso ficar só.

WOLFI = Não posso, Magnus. Eu me vejo refletido neles e sinto medo.

MAGNUS (Suave) = Vamos, Wolfi, não sejas taimoso. Não me faças perder a paciência.

WOLFI = Quero ficar do teu lado, Magnus, nesta hora de grande...

MAGNUS (Com um pontapé no solo) = Fora! (Wolfi foge como um rato, Fica encolhido num canto, retorcendo as mãos e gemendo, angustiado. Olha alternadamente para Magnus e o grupo. Os outros olham com absoluta frieza. Magnus faz um silêncio, concentra-se. Depois de preparar-se, começa a recitar) "É noite; os fornecedores de todas as fontes falam mais alto". (Pigarreia)

GATO (Comenta a meia voz no ouvido de Santiago) = O velho sabe Nietzsche de memória. (Magnus, com expressão de cansaço, volta-se para os filhos)

MAGNUS = Filhinhos, sinto-me cansado. Para dizer a palavra exata, estou podre. (Pausa. Dá uns passos) Estou aborrecido. Não há nenhuma novidade. Tudo aconteceu como eu queria. (Pausa) Fiz um plano, aconteceu exatamente. E agora? (Pausa) Anos e anos de esforços. Endurecer leva tempo. (Pausa) Pois eu consegui. Me transformei numa pedra. É inútil procurar um sentimento em mim; não existe. (Pausa) Me aborreço tanto. (Pausa. De repente, melodramático) Filhos, eu os enganei!

GATO (Em tom enfatiado) = Que novidade, Magnus! (Os outros riem amavelmente)

MAGNUS (Recitando quase para si próprio) = "Eu sou a luz..." Mas minha solidão consiste em estar cercado de luz"... "Ah, se eu pudesse ser noite"... "Como saciaria minha sede no seio da luz...!"

FILHOS (Incomodados) = E o que quer que nós façamos, Magnus?
Se fosse por nós...
Já sabemos que estás só.



Esse foi o destino que escolheste.

O destino de todos os grandes. (Magnus espera um instante e logo, com um gesto brusco, intenso, une o polegar e o indicador a uma distância mínima)

MAGNUS - Grande, su? (Pausa) A única coisa que fiz foi ir adiante de vocês, idiotas. Apenas Magnus vê nascer alguma coisa, nham, ele engole. E depois distribui, com mãos chegas. (Pausa) Porque eu... estou vazio. (Pausa) Eu vendi a vocês... as suas próprias imagens. (Silêncio intenso)

JULIA (Um pouco histérica) - O que... e que é que ele quer dizer? (Sacode Gato por um braço) Gato!

GATO - Não fique histérica. É preciso que te expliques melhor, Magnus.

MAGNUS (Feroz) - Não há nada para explicar. Estou farto de vocês. Já não podem me dar mais nada. Estão secos.

JULIA (Histérica e vulgar) - Na flor da nossa juventude!

MAGNUS - A Flor da tua juventude... já murchou há muito tempo.

JULIA - Socorro! (O pânico começa a apoderar-se dos filhos)

GATO - Um momento, um momento... Quero compreender melhor...

SANTIAGO - Ele Quer nos deixar toda a carga.

JULIA - Não entendes, Gato? Ele quer nos responsabilizar por tudo!

GATO - Calma... Não quero parar de pensar... Se paro de pensar, fico todo confuso.

WOLFI - Eu disse! Eu disse que não devíamos deixá-lo falar!

SANTIAGO - Ele é maquiavélico.

GATO - Isto é uma conspiração.

JULIA - Socorro! Fui enganada!

MAGNUS (Esfrega as mãos. Contente) Que tal, Lou, como andam as coisas?

VELHO - Vão indo, Magnus!

MAGNUS - Sempre indo, hein?

GATO - Nosso mundo é bonito, Magnus! Por que vamos perdê-lo?

MAGNUS (Som olhá-lo) - O mundo de vocês era cômodo. E agora estão sem epois.

WOLFI - Gato, ainda existe uma coisa que pode nos salvar!

GATO - O que é, Wolfi? (Os filhos e Júlia reúnem-se numa confabulação inquieta no fundo do cenário. Fazem grandes gestos, etc.)

MAGNUS - E agora volto para meu mundo. Todo o passado é mau. Me pertence. Pode tirá-lo de mim, hein, Lou?

VELHO - Ninguém. Ninguém mais pode tê-lo. É a única coisa que te pertence, Magnus.

MAGNUS - Vem, vem para perto de mim, Lou. Meus joelhos estão fracos. (Lou vai até ele, de quatro pés) Assim não, Lou. Em pé. Agora somos iguais.

VELHO - Não posso, Magnus. Já me acostumei com o chão. Cada vez mais perto. Quero ficar assim, cheirando o pó e sujando as mãos.



- MAGNUS - Como quiseres, Lou. (Pausa) Como era a voz de Dibi?
- VELHO - Um pouco rouca, um pouco tímida. O ar mal conseguia sair de seus lábios.
- MAGNUS - Sim, era assim. Era como ouvir sua respiração ou seus gemidos. (Silêncio. Os filhos se aproximam, com jeito de quem tomou uma grave decisão)
- GATO - Nós decidimos te matar, Magnus.
- MAGNUS - Eu já sei. (Pausa) E pode-se saber por quê? (Os filhos e Júlia se olham)
- WOLFI - Não importa.
- GATO (Com um sorriso) - É fácil, Magnus...
- WOLFI - Não digas a ela, Gato!
- GATO (Faz um gesto de silêncio para Wolfi) - Vais nos dar a última imagem, ainda que não queiras. Um crime é ao menos um crime. É melhor que nada. (Pausa) Estás conformado, Magnus?
- MAGNUS (ENCOLHE O OS OMBROS) - Só peço que me deixem sentir o cheiro de meu sangue...
- JULIA - Teu egoísmo é monstruoso, Magnus!
- MAGNUS (Com um sorriso) - Sim, assim a mim mesmo como um animal.
- SANTIAGO - Pobre Magnus, tua vida inútil chega ao fim.
- MAGNUS - Não, Santiaguinho: minha vida chega ao fim porque se transformou em algo inútil.
- WOLFI - E nós, Magnus?
- MAGNUS (Lentamente) - Arranjem-se... como puderem.
- GATO - Em pé, Magnus! Restam poucos segundos! (Silêncio profundo. Pela primeira vez vê-se na luz, brilhando, uma enorme faca. Os olhos de Magnus se arregalam)
- MAGNUS (De repente) - Escutam... não estão falando sério? (Estupor no grupo)
- WOLFI - Magnus! Magnus! Estavas fingindo!
- MAGNUS - Mas é claro, bando de loucos! O que pensavam?
- GATO - Não acreditem nele! Não acreditem, é uma nova armadilha!
- JULIA (Histérica) - Magnus, não brinque conosco!
- MAGNUS - Puta que pariu! Estão todos loucos!
- SANTIAGO - Agora é tarde, Magnus!
- MAGNUS - Ajuda, Lou! (Lou lava as mãos no ar)
- SANTIAGO - Vamos, Gato! Sem nojo! (Gato, como hipnotizado, aproxima-se de Magnus com a faca na mão. Magnus dá um grito e cai de joelhos. Gato levanta a faca acima de sua cabeça, segurando com as duas mãos, como se fosse um sacrifício ritual. Treme inteiro. Mas logo gira sobre si mesmo e deixa cair a faca)
- GATO - Não posso! Não se pode matar assim um homem! (Santiago se joga sobre a faca e a apanha. Depois de olhá-la um instante entre suas

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



de sentido, porra...Dom, aqui termina o jogo... Eu disse que bas-
ta... Santiago! Júlia, por favor, diga a eles que...saíam daqui,
caralho... Wolf...Santia... Lou! (Quando o ritmo de rock é já quase
insuportável, a corte dá dois passos rápidos e cobre Magnus. Faz-
se um silêncio súbito, espesso. Logo, ouve-se um gemido inumano.
A fila dos filhos gira novamente e deixa ver o espetáculo da ago-
nia de Magnus. A faca ensanguentada jaz no solo. Magnus dá uns
passos vacilantes e cai. Nesse momento, o grupo compacto dos filhos
se desfaz. Wolfi corre para fora e vomita)

GATO(Apertando o nariz)- Puff! Estava podre! (Júlia também se afusta. Ape-
nas Santiago continua olhando o corpo com uma atenção obstinada.
O velho Lou senta-se no chão e uiva lastimosamente. Silêncio. To-
dos permanecem imóveis durante longos segundos, no meio de uma luz
branca, muito crua, agressiva. Logo, irrompem violentamente os sons
de fábrica. A situação se prolonga alguns segundos mais, até que
tudo cai dentro de uma repentina e total escuridão)

F I M

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025